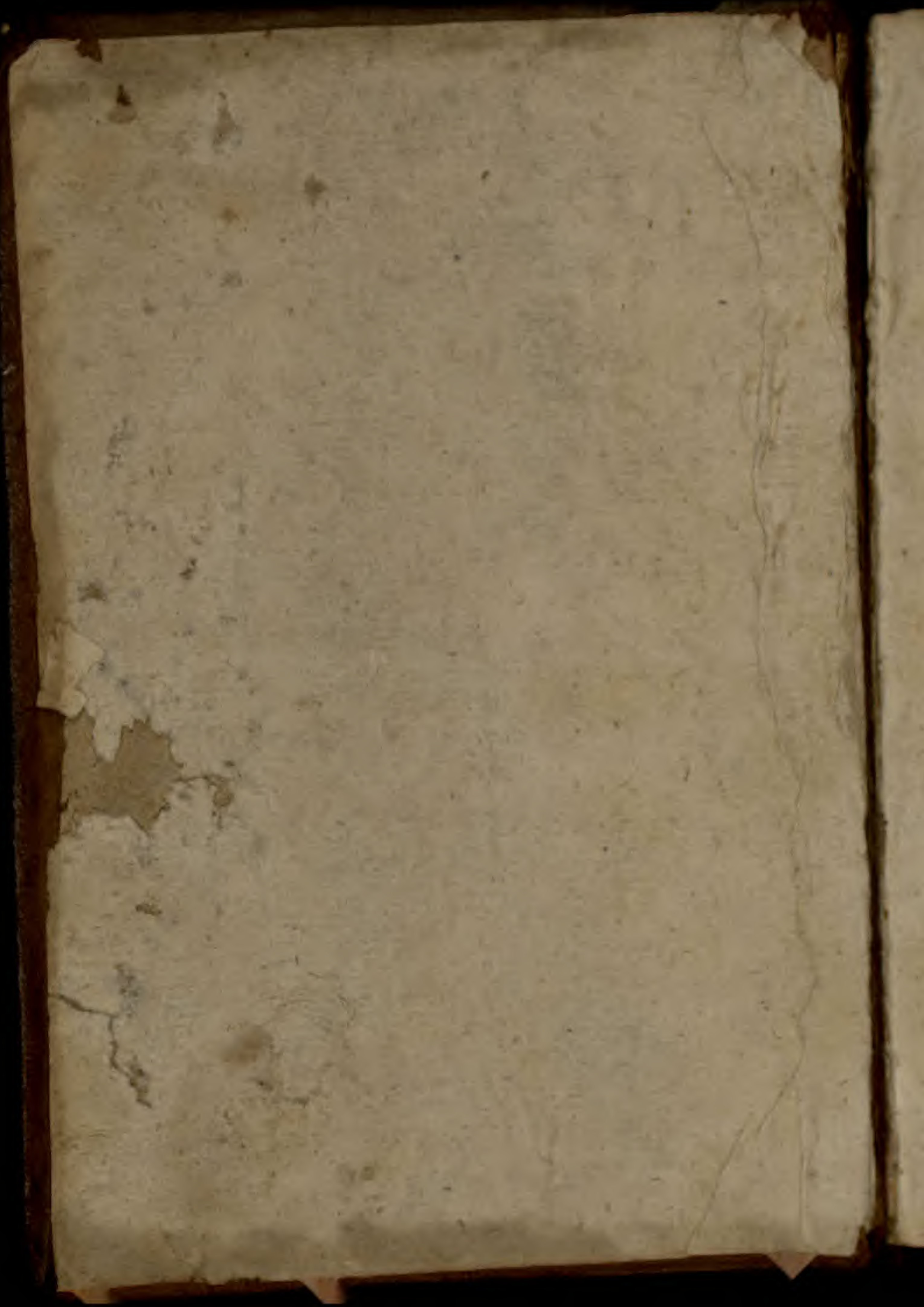


N. L.

A.







35 (3) - a - 18

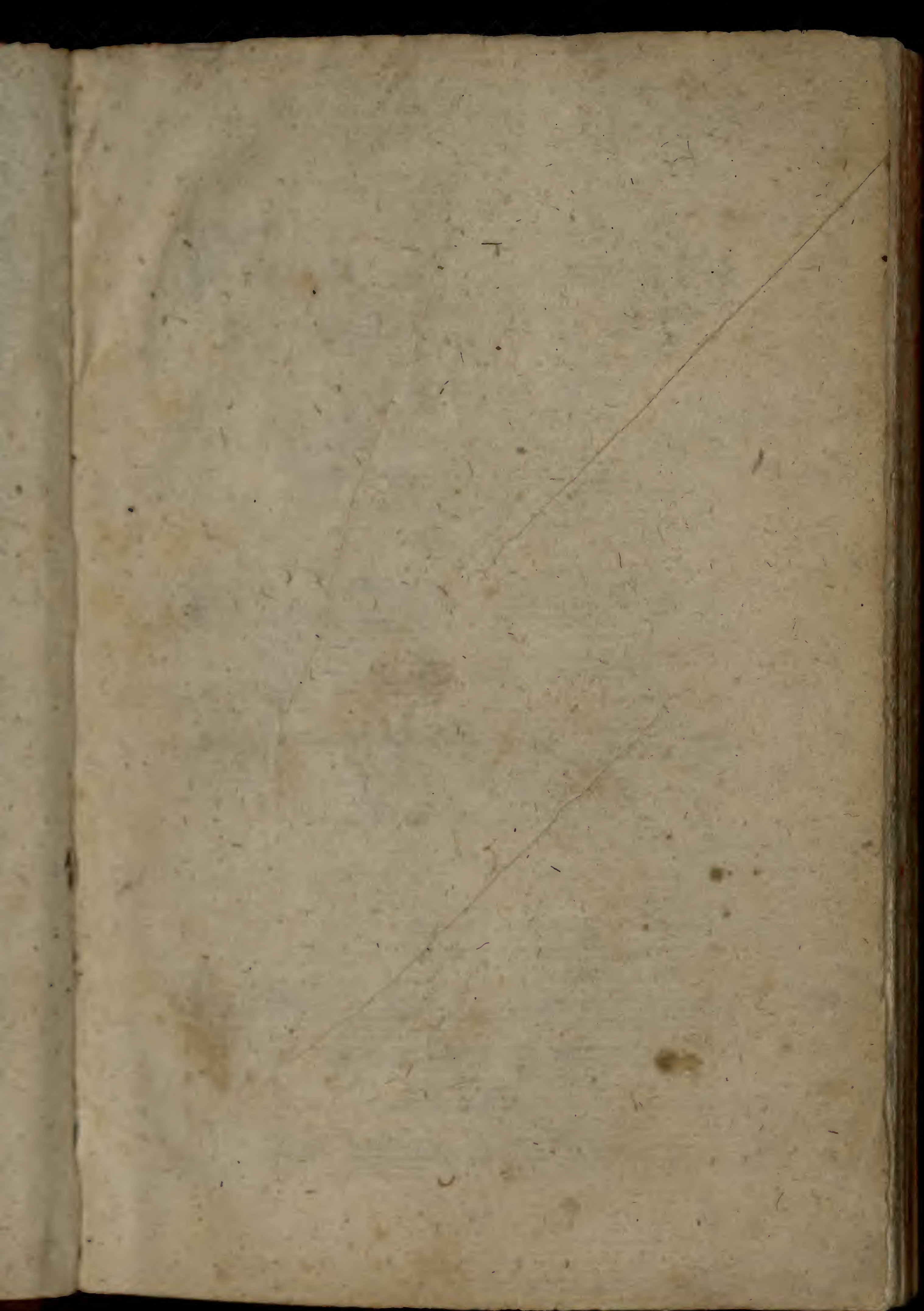
B.A.

1604 P

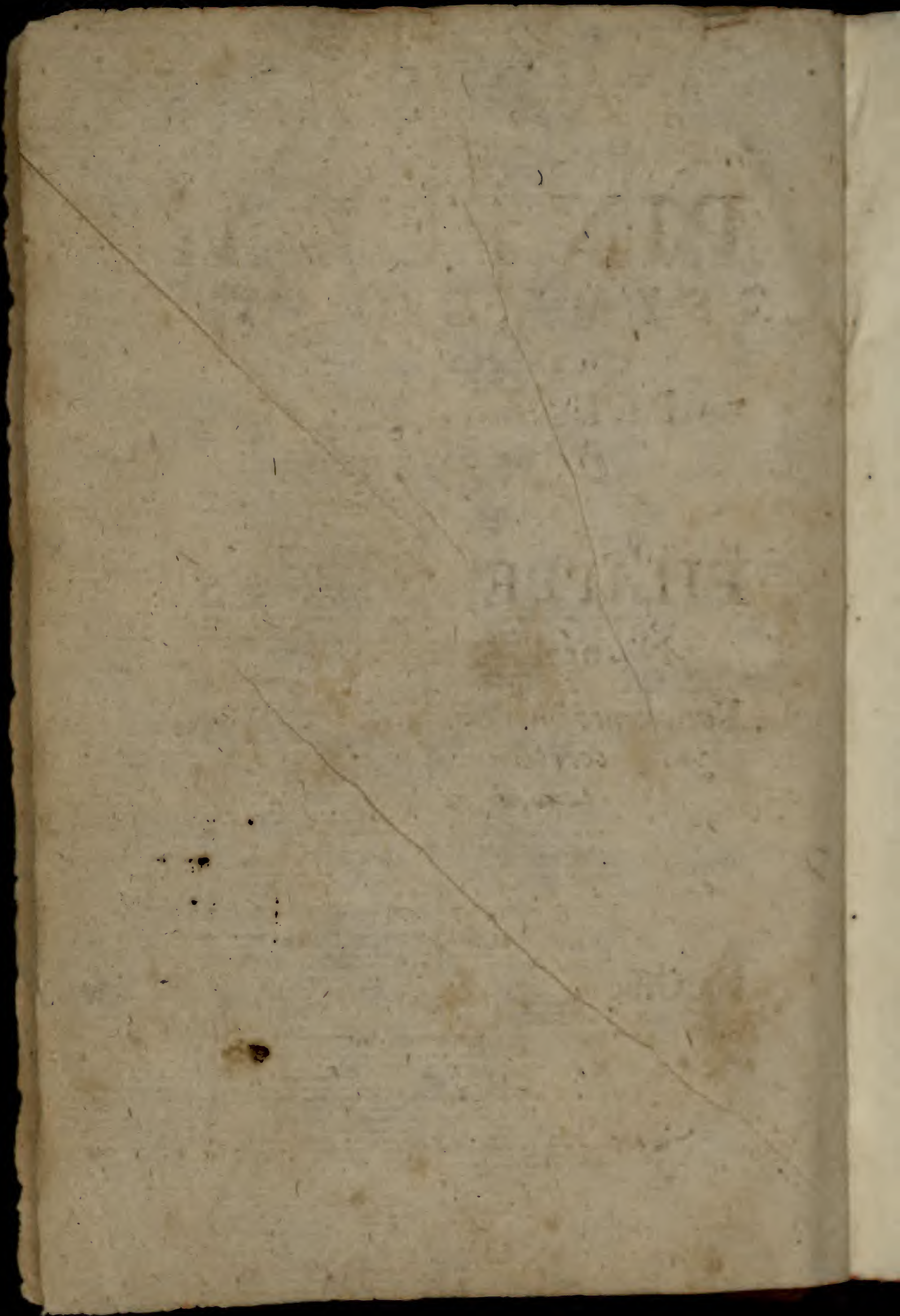














ART E  
D A  
PINTURA,  
SYMMETRIA,  
E  
PERSPECTIVA,  
COMPOSTA

B.A

1604

P O R  
FILIPPE NUNES,

Natural de Villa-Real.

*Novamente impressa, com boas Estam-  
pas, correctã, e accrescentada  
com o seu Index.*

LISBOA,



Na Officina de João Baptista Alvares.

---

---

MDCCLXVII.

*Com as licenças necessarias.*

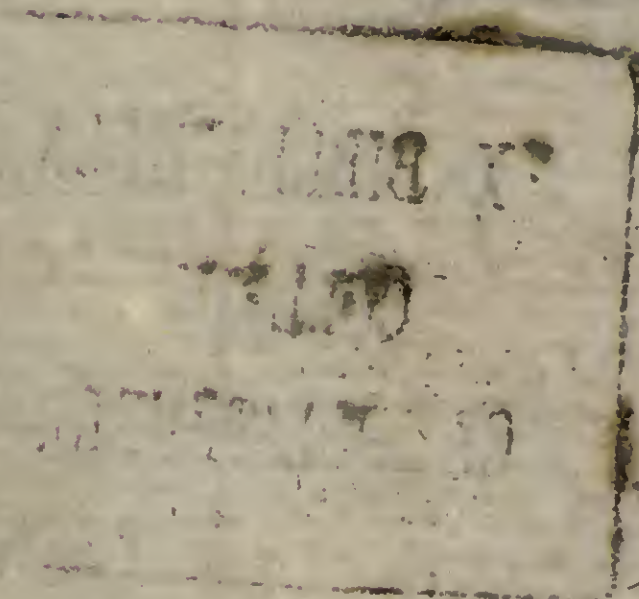


ARTES  
DA  
PINTURA  
SYMMETRIA  
E  
PERSPECTIVA  
COMPOSTA  
POR

PHILIPPE NUNES

Alfama de Vila Real.

Novamente impressa, com duas Estampas  
e duas gravuras, e acrescentada  
com o seu Index.



LISBOA

Na Officina de José Baptista Alvares

MDCCLXXII.

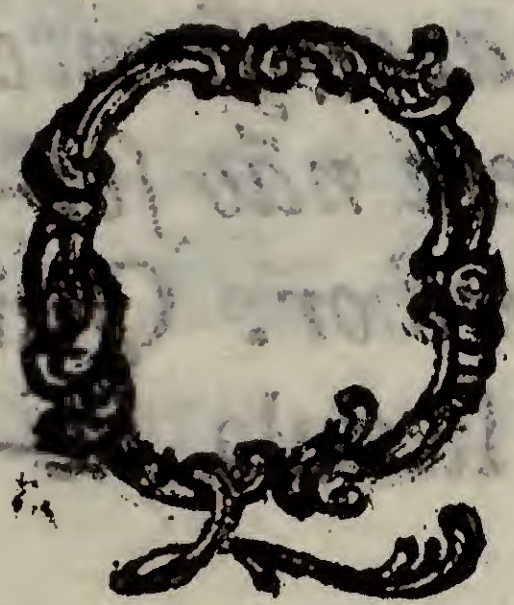
Com as licenças necessárias.



# PROLOGO

Aos

PINTORES.



**Q**UANDO aprendi estes principios, e prática da Pintura, não foi minha intenção sabendo com ella a luz ensinar aos Sabios, e Peritos na Arte, mas só aos que a aprendem, e aos curiosos della. Moveo-me a isto ver a falta, que ha de quem trate esta materia, e assim quiz dar motivo aos que mais sabem, de sabirem a luz com mais experiencias, para que assim não custe tanto aos aprendizes, a quem ordinariamente os Mestres escondem os segredos da Arte, e para que assim mais depressa se saiba. Por onde lhes digo aqui brevemente o mais commum, e que mais communmente se costuma a usar; porque usando irão descobrindo mais segredos. Para os Mestres po-



dem servir os principios da Perspecti-  
va, por serem tão importantes para  
o bom ujo della, e juntamente a Sym-  
metria, de que ha tanta falta nos li-  
niamentos, que ainda Pintores, que sa-  
bem muito bem colorir, os não sabem,  
donde vem haver tantas imperfeicoens  
nas figuras. Emende, e accrescente  
quem souber, e aprenda quem não sou-  
ber, e todos dem gloria ao Senhor. Qui  
vivit, & regnat per omnia sæcula sæ-  
culorum.



# LICENCAS.

## DO SANTO OFFICIO.

**P**O'de-se reimprimir o livro, que se apresenta, intitulado: *Arte da Pintura*, e depois voltará conferido, para se dar licença que corra; e sem ella não correrá. Lisboa 18. de Setembro de 1767.

*Carvalho. Thorel.*

## DO ORDINARIO.

**P**O'de-se reimprimir, e depois conferido tornará, para se dar licença que corra; e sem ella não correrá. Lisboa 19. de Setembro de 1767.

*Coelho.*



DO PACO.

**Q**ue se possa reimprimir, vistas as  
licenças do Santo Officio, e Or-  
dinario, e depois tornará para  
se dar a licença de correr; sem a qual  
não correrá. Lisboa 25. de Settembro  
de 1767.

*Affonsca. Pacheco. Castro.*  
*Craesbeck. Viegas.*

DO ORDINARIO.

IN-

DO



# INDEX

DO QUE SE CONTEM  
neste livro.

<b>L</b> Ouvores da Pintura.	pag. 1.
Principios da Perspectiva, ne- cessarios para a Pintura.	16.
Segundo principio.	20.
Exemplo.	ibid.
Outro principio.	21.
Outro principio.	23.
Exemplo.	24.
Outro principio.	26.
Exemplo.	27.
Outro principio.	ibid.
Exemplo.	28.
Outro principio.	29.
Outro principio.	30.
Arte da Pintura.	31.
Que cousa seja sombra, e luz na Pin- tura, e onde se dão.	32.
Symmetria das partes, em que se di- vide hum corpo humano, na Pin- tura, e Escultura.	35.
Symmetria de João Darfe.	ibid.
Ex-	



# I N D E X.

<i>Exemplo.</i>	37.
<i>Symmetria dos Meninos.</i>	38.
<i>Exemplo.</i>	40.
<i>Symmetria de Daniel Barbaro.</i>	41.
<i>Exemplo.</i>	42.
<i>Symmetria de Vitruvio.</i>	43.
<i>Symmetria de Alberto Dureiro.</i>	46.
<i>Exemplo.</i>	50.
<i>Nomes das tintas, que se lavrão a oleo.</i>	51.
<i>Modo para apparelhar panno, e madeira para a pintura.</i>	ibid.
<i>De todo o modo de seccante.</i>	54.
<i>Modo de usar o Falde a oleo.</i>	56.
<i>Modo de usar o Espalto.</i>	ibid.
<i>Modo de fazer Verdes.</i>	57.
<i>Modo de usar o Alvayade, e Cinzas.</i>	ibid.
<i>As mesclas das côres como se fazem.</i>	58.
<i>Sombras para os rostos.</i>	ibid.
<i>Para fazer oleo graxo.</i>	59.
<i>Como se faz o polimento.</i>	60.
<i>Para purificar oleo de Linhaça para o Alvayade, e Azuis.</i>	61.
<i>Modo de regraxar.</i>	62.
<i>Modo de fazer Cambiantes.</i>	63.
<i>Azul Ultramarino como se lava.</i>	ibid.
<i>Como</i>	



## INDEX.

- Como se faz Mordente para dourar.* 64.  
*Para perfilar.* ibid.  
*Pintura à tempera.* 65.  
*Como se apparelha o panno, ou madeira.* 66.  
*Modo, que se ha de guardar no campir do painel.* 67.  
*Modo de colorir em commum.* 69.  
*Pintura a fresco.* 71.  
*Pintura de Illuminação.* 75.  
*Nomes das tintas, que servem para a Illuminação.* ibid.  
*Modo como se lavão as tintas.* 76.  
*Como se fazem as mesclas das côres.* 78.  
*Como se assombrão as côres.* 79.  
*Outro modo das sombras, e realços.* 80.  
*Gomma, como se concerta para illuminar.* ibid.  
*Para moer ouro para illuminação.* 81.  
*Para fazer côr Roseta.* 82.  
*Para Brasil.* ibid.  
*Para Catasol.* 83.  
*Para fazer Verde Bexiga.* 84.  
*Para fazer Verde Livio.* ibid.  
*Vermelhão, como se concerta, e faz.* 85.  
*Gomma para o Azul.* 86.

Como



# INDEX.

Como se destempera o Azul.	87.
Verdete, como se faz, e se usa.	ibid.
Como se faz o Aluayade.	89.
Como se faz o Zarquão.	90.
Para assentar ouro em seda, papel, ou pergaminho.	ibid.
Para assentar ouro em pedra, pao, vidro, e couro.	92.
Para estofar hum figura.	98.
Para fazer hum painel com tres fi- guras, que hum só appareça á vista.	99.
Para fazer hum painel, do mesmo mo- do, com duas figuras.	101.
Exemplo.	ibid.
Outra invenção destas figuras.	102.
Outra invenção destas figuras.	103.
Exemplo do sobredito.	106.
Modo facil para copiar hum Cidade, ou qualquer cousa.	ibid.
Outro modo.	109.
Outro modo de copiar.	110.
Para fazer vernis.	111.
Outro modo.	ibid.
Para fazer betume de imbutir, que pareça marchetado.	112.

Para



## INDEX.

*Para fazer tinta preta para perga-*  
*minho.* 113.

*Outro modo.* ibid.

*Outro modo para pergaminho.* 114.

*Outro modo.* 115.

*Outro modo, e mais commun.* ibid.

*Tinta para pergaminho.* 116.

LOUVO.









## LOUVORES DA PINTURA.

**E** a Pintura huma Arte tão rara, e tem tanto que entender, e mostra tanta erudição, que deixo de lhe chamar rara, por lhe chamar quasi Divina, e não digo muito; pois he tão rara, e excellente, que toca quasi a conhecimento Divino, ter na mente tão vivas as especies das cousas, que assim se possam pôr em prática, e Pintura, que parece que lhe não falta mais que o espirito. Testimunho desta verdade he aquella historia celebrada da contenda de Zeuxis, Heracleotes com Parrhasio, como conta Plinio *lib. 35. cap. 10.* que pintou com tanta propriedade hum

A cesto



cesto de uvas , que as aves do Ceo se  
vinhão a ellas cuidando que erão ver-  
dadeiras ; e a toalha , que Parrasio pin-  
tou , tanto ao natural , que enganou  
com ella o mesmo Zeuxis.

Budeo in l. *Athletas*, ff. de *bis*, qui  
*notantur infamia*, diz que houve an-  
tigamente Pintores tão insignes , que  
não só fazião Iconicas imagens , senão  
tambem as Ethicas. Chama Iconicas  
imagens , porque era costume em a Ci-  
dade Olympia , donde se differão jogos  
olympios , que áquelles , que vencião  
tres vezes a estes, lhes fazião retratos do  
tamanho do seu corpo, e muito ao natu-  
ral , a estas chamão Iconicas, e as Eth-  
icas quer dizer que mostravão ao vivo  
os costumes , e natureza de cada cousa.

Não só deleita , e agrada aos olhos  
a Pintura , mas faz fresca a memoria  
de muitas cousas passadas , e nos mo-  
stra diante dos olhos as historias mui-  
to tempo ha acontecidas. Serve mais  
a Pintura , que vendo pintadas as fa-  
canhas , e casos illustres , nos excita-  
mos , e animamos para commetter ou-  
tros



### Arte da Pintura.

3

trios semelhantes, como se as leramos em historiadores. S. Damasceno *fidei orthod. cap. 17.*, e S. Greg. *lib. 9. Epis. q. ad Serenum Episc.* fallando a este proposito, diz assim: *Sunt quidem picturae indoctorum hominum libri, & scripturae, nam quod legentibus scriptura, hoc idiotis praestat pictura cernentibus: in ipsa & ignorantes vident quod sequi debeant, & in ipsa legunt qui literas nesciunt.* E isto de S. Gregorio fortalece, e corrobora o segundo Synodo Niceno, *act. 2. & 4.* aonde prôva com ditos de Sanctos como a Pintura boa, e de doutos Pintores (que a Pintura roim serve de ri-zo a quem a vê) he mais poderosa para mover o affecto, que a historia. S. Chrysoft. *orat. quod vet. & nov. test. unus sit legislator*, diz que teve sempre em muita estimação huma pintura, que tinha colorida com côres de cera. E S. Gregorio Nisseno, *orat. de unit. Filij, & Spiritus Sancti*, diz de si, que muitas vezes pôs os olhos em hum painel, em que estava pintado o Sacrificio



de Abrahão , e que jámais o vio sem  
lagrimas , lembrando-se da historia ver-  
dadeira ; *Vidi sæpius* ( diz elle ) *in-  
scriptionis imaginem , & sine lacrymis  
transire non potui , cum tam efficaci-  
ter pictura ob oculos poneret historiam.*

Ainda os Philosophos antigos, para per-  
suadirem aos homens a deixarem as  
delicias , pintarão huma taboa com as  
Virtudes , que todas estavam servindo  
como criadas ( sendo Virgens , e mui-  
to formosas ) a huma Raíinha muito  
fêya , a qual estava em hum throno al-  
to , e muito apartado , e se chamava  
*Voluptas* , o deleite do peccado ; pa-  
ra darem a entender quão abominavel  
era aos homens servirem a quem tão  
mal o merecia ; e assim quando que-  
rião reprehender quem não vivia bem ,  
lhe punhão diante dos olhos esta ta-  
boa , da qual faz menção Cicero *lib. 2.  
de finibus* , e diz que a pintou Clean-  
tes Stoico. Donde se podem repre-  
hender os Hereges , que pertendem  
tirar o culto , e uso das imagens , e  
das pinturas , pois até os Antigos en-  
tendião



## Arte da Pintura.

5

tendião de quanta importancia erão.

A authoridade, e estima, em que se teve antigamente esta Arte, se póde vêr do que diz Plinio *lib. 35. à cap. 1. usque ad decimum.* De Phamphilo se refere, que jámais quiz ensinar o discipulo, que lhe não desse dez annos, e hum talento attico, que agora em nossa moeda he seiscentos cruzados: tudo isto lhe deo Apelles, e Melanthio, por serem seus discipulos, e com o exemplo de tão grandes Mestres procedeo em Sicyone, Cidade antiquissima junto a Corintho, e celebrada pela imagem da Occasião, que fez Lissippo depois em toda a Grecia, que os moços antes de saberem alguma Arte os ensinavão a debuxar em taboas de buxo, que para isto tinham concertadas, ao modo que hoje costumão os Ourives ensinar aos que aprendem o officio: e tudo isto era para effeito de fazerem que esta Arte tivesse o primeiro lugar entre as liberaes, porque sempre foi tratada de excellentissimos engenhos.

Te-



Tenhão os Pintores lugar muito honrado; (*diz F. Patricio, de instit. Reipub.*) porque com a honra delle se animem a procurar mayores honras, e assim dêem tambem animo aos que houverem de aprender tal Arte, como diz o Poeta: *Honor alit artem, &c.* Não se pejou, nem envergonhou aquelle grande Fabio, Patricio Romano, do qual se dizia que vinha por linha direita do grande Hercules, nem se desprezou de a aprender, e usar, e tanto, que della tomou o sobrenome, chamando-se Fabio Pictor. Nem a desprezou Marco Antonio Imperador dou-tissimo, pois a aprendeo, e exercitou com o Pintor Diogenes. Tambem lêmos de Platão, que nella se exercitou, e foi curiosissimo della. Cicero diz della, que sempre lhe foi affeição-do. Alexandro a louva grandemente, e manda que os mocos se dêem a ella, e a aprendão. O glorioso S. Lucas nella se exercitou, &c. Serve esta Arte á Escultura, Celatura, e Architectura, que sem ella nada se póde debuxar.

Quaes



## *Arte da Pintura.*

7

Quaes fossem os primeiros Pintores, e de quaes forão as obras antigamente mais estimadas, se póde vér em Plinio no lugar acima allegado, desde o primeiro capitulo até os onze. Os primeiros, que começáráo a usar hum só côr com que pintavão, que a natureza lhes ensinou sem arte, foi Polignoto, e Aglaophon; antes destes houve outros, dos quaes se não diz bem da sua pintura, pois era necessario pôr hum letreiro sobre o que pintavão, para se divisar que cousa era, porque pelas sombras, que as cousas fazião, por alli debuxavão: destes foi hum delles Canacho, e hoje póde ser haja muitos. Tambem houve outro chamado Calamides, do qual diz Cicero que já pintava melhor que Canacho. As pinturas de Mioron já hião sendo melhores: e dahi por diante sempre foi melhorando a Arte até o tempo de Prothogenes, Actião, Nicomacho, e Apelles, e acabáráo de perfeiçoar a Arte, segundo lhes parecia, aindaque depois se acháráo, e inventáráo muitas cousas;



fas ; porque Zeuxis , e no mesmo tempo Parrhasio ( que viverão no tempo de Socrates ) muitas cousas accrescentarão á Arte ; porque a Zeuxis attribuem os claros , e escuros , e as luzes nas figuras , e foi tanto o que ganhou com suas pinturas , que já as não vendia , mas as dava , dizendo que não havia preço igual a ellas , e fez o seu nome de letras de ouro , que pôs na Cidade Olympia , celeberrima por ser frequentada de todos os bons engenhos. Parrhasio foi o que lançou as linhas subtilmente , e ajuntou á pintura certas cousas de Geometria , e foi o primeiro , que deo á pintura Symmetria , ainda que Plinio diz foi Polycleto , que fão as medidas , e commensuraçoens ; e foi o primeiro , que deo a perfeição aos cabellos , e á boca , e nisto levou a palma a todos. Entre as suas obras de fama , foi o Archigallo , que era o principal dos Sacerdotes de Cybeles , de quem dizem que era a grande mãe dos Deoses , pintura tão estremada , que deo por ella o Principe Tiberio seiscen-



seiscentos sestercios , que em nossa moeda he perto de mil cruzados.

Tambem Aristides Thebano foi Pintor insigne , e igual quasi a Apelles, como diz Plinio. Este foi o que de hum certo modo dava vida á pintura , porque nella estava declarando todos os sentidos. ElRey Attalo teve huma taboa sua , que comprou por cem talentos. E Cesar dictador teve duas taboas do mesmo official , que lhe custarão oitenta talentos.

Filippe Macedonio , e seu filho Alexandre , muitas vezes se achavão na tenda de Apelles , pela grande recreação , que tinham em vêr pintar , e por tanto floreceo esta Arte tanto em seus tempos. De Apelles diz Plinio que não lavrava mais que com quatro cores sómente , e o mesmo Alexandre Magno mandou que nenhum Pintor o ouzasse retratar , senão só Apelles. Delle diz Plinio muitas cousas. Não foi menor Thimantes na pintura de Iphigenia , que pintando a todos tristes , pintou a Agamemnon , pay della , com a cabe-



a cabeça virada , pela grande tristeza ,  
que se dividava mais nelle , que nos ou-  
tros ; sendo assim , que a todos pintou  
tristissimos.

São os Pintores de jure privilegia-  
dos , e pelo conseguinte nobres. Text.  
*in leg. Archiatros. C. de metalis. lib. 12.*  
E esta Arte , como *tendit ad ornatum*  
*Ecclesiae* , sempre se póde exercitar ,  
aindaque haja prohibicoens , como diz  
Bart. *in leg. prima , ff. ne quid in loco*  
*sacro fiat.*

Valentiniano , Valente , e Gracia-  
no Imperadores privilegiarão aos Pin-  
tores , *leg. Pictura , C. Theod. de ex-*  
*cusat. artificum lib. 13. Picturae profes-*  
*sores, si modo ingenui sunt , placuit nec*  
*sui capitis censeantur , nec uxorum , aut*  
*liberorum nomine tributis esse munifi-*  
*cos , & nec servos quidem barbaros in*  
*censuali adscriptione profiteri , &c.*

Os professores da Pintura , sendo  
livres , e filhos de livres , havemos con-  
stituido que não sejam empadroados  
por sua cabeça , nem que em nome de  
suas mulheres , e filhos estejam sujeitos



aos tributos, que não sejam obrigados a registar seus escravos barbaros no registo censual, &c.

De tudo o que está dito se prova claramente ser esta Arte numerada entre as liberaes; porque, se começarmos pela definição, Artes liberaes se chamão, por serem Artes com que se exercita o entendimento, que he a parte livre, e superior do homem; ou Artes dignas de homens livres, e tambem liberaes, porque só se permittião a homens livres. E se ellas se chamão liberaes, porque nellas se exercita o entendimento; aonde entra mais o entendimento com todas suas operaçoens a apprehender, compôr, julgar, e discurrer, que na Pintura? He em todo Architectonica; porque se estende a significar perfeitissimamente, e dar razão de todas as obras, que fazem todas as outras Artes, e Officios. E se se chamão liberaes, porque só se permittião a homens livres, sabemos que entre os Romanos lhes era prohibido aos nobres usarem de Artes mechanicas, e desta



desta usavão publicamente: logo se fora  
mechanica não se usara, e que se usasse  
publicamente prova a historia de Fabio  
Pictor, já referida: E sabemos que a  
usou tambem o Imperador Alexandro  
Severo, de quem foi Tutor, e Mestre  
o mesmo Vulpiano Jurisconsulto, Au-  
thor desta mesma ley, e a usarão ou-  
tros muitos. E se se chamão liberaes,  
porque são Artes de entendimento, ne-  
nhuma das outras tem tanto que apren-  
der, como a Pintura; porque as ou-  
tras em breve tempo se chega a ter co-  
nhecimento perfeito dellas: mas a Pin-  
tura, por mais que se trate, e curse nel-  
la, jámais se chega a penetrar todos  
os segredos della, como diz Quintilia-  
no *Orat. instit. lib. 12. cap. 10.* E isto  
significação os Pintores quando põem ao  
pé das figuras, *faciebat*, ou *pingebat*,  
usando deste preterito imperfeito, por-  
que nenhum pôde chegar ao preterito  
perfeito, porque sempre ha que fazer,  
e que saber. Donde veyo o proverbio  
Latino: *præstat medicum esse, quam  
pictorem*, melhor he ser Medico, que  
Pin-



Pintor. Differão isto pela grande proximidade, que tem esta Arte comfigo, e tambem porque as faltas na Pintura logo se deixão ver, e na Medicina não: porque se hum Medico acerta a cura, he louvado por isso; mas se a erra, e mata hum homem, a terra cobre tudo, e não apparecem seus defeitos.

Donde parece que he mais que a Medicina; porque, além das razoes ditas, se he necessario conhecer as ervas, pedras, plantas, muito mais he necessario á Pintura, pois as ha de pintar ao natural, para se conhecerem, e nisto depende tambem a Medicina da Pintura: e se não, vejão a Dioscorides, que lhe aproveitára tratar de ervas, e plantas para a Medicina, se a Pintura não mostrara ao olho o que a penna por si só não podia. E o mesmo digo da Arithmetica, Geometria, e Perspectiva, que parece que todas se incluem nella, e lhe são subalternadas nisto, que he formar figuras, e dar a conhecer os pensamentos, pois tudo vay por demonstraçoens, e essas não se podem



podem fazer sem debuxo, e pintura :  
donde se infere, que ellas são como  
rudimenta, e principios, para se con-  
seguir perfeitamente o fim da pintura.  
Donde Plinio *lib. 35. cap. 10.*, diz af-  
fim, fallando do Pintor Pamphilo : *Pri-  
mus in pictura omnibus literis erudi-  
tus, præcipue Arithmetice, & Geome-  
trice, sine quibus negat artem perfici.*  
E assim os Egypcios, como refere Cor-  
nelio Tacito *lib. 11. Annal.*, primeiro  
declararão seus conceitos por meyo  
da Pintura de animaes ; mas por ser  
couza mais facil para todos, vierão a  
usar do debuxo, e caracteres de letras.  
Conforme ao costume de Hespanha,  
he liberal esta Arte ; porque estando  
estabelecido por ley delRey D. João  
Segundo de Castella, que os Cavallei-  
ros armados, para gozar de seus privi-  
legios, não usassem de officios baixos,  
e particularizando todos, não nomea a  
Pintura, *l. 3. tit. 1. lib. 6. novæ recop.*  
E nas pragmaticas sobre trazer sedas,  
*lib. 2. tit. 12. li. 7.*, torna a contar os  
officiaes, que a não podem trazer, e  
não



não conta entre elles aos Pintores. Logo se prova bem, que he contada entre as liberaes, e que seja nobre não ha duvida alguma; porque o he por todas as tres nobrezas: pela natural; porque produz grandes effeitos de virtude; (porque quem ha, que vendo hum Christo crucificado, se não compunja? o que está provado acima de S. Gregorio Nisseno) pela nobreza Theologica, e divina; porque produz effeitos sobrenaturaes, e divinos, de piedade, caridade, e religião: pela nobreza politica está tão claro, que não tem necessidade de prova. Plinio chama aos professores desta Arte nobres Pintores, o qual epíteto não se concede aos que usão as artes mechanicas. Chama-se nobre, porque ajuda com sua arte a incender os animos para ganhar nobreza, nome, e fama, como já fica provado. Galeno *in exercit. ad bonas artes*, diz que se pôde ajuntar ás liberaes. Seneca, *lib. de studijs liberalibus*, dá a entender que se tinha por liberal em seu tempo. Alexandro



8. *polit. c. 1. & sequent.* Plutarc. *lib. de audient. poet. & lib. de gloria Athen.* & *in vita Arat.* Quem quizer ver mais louvores da Pintura, veja Plinio nos lugares allegados. Veja F. Patricio de *laude Pictorum*, e Textor *in officina cap. pictores diversi*, e Budeo, e muitos outros, e entre os modernos ao Licenciado Gaspar Guterres de los Rios, na sua *Noticia geral lib. 3.*, e ao Padre Fr. Jeronymo na sua *Repub. Gentilica*, e Thomás Garçon na sua *Practica universal*, *disc. 90.* com outros, que ahi cita.

*Principios da Perspectiva, necessarios para a Pintura.*

**P**Rimeiro que tratemos da Pintura, havemos de presuppôr alguns principios da Perspectiva, como coisa muito necessaria para a Pintura. O sujeito da Perspectiva são as linhas visuaes, e desta ha duas especies. A primeira he pelas quaes procedem os raios direitos sem se quebrar, por meyo dos



dos quaes se faz a visão direita. A segunda he daquellas linhas, pelas quaes caminham os rayos, que se quebrão, ou se dobrão, por meyo dos quaes se vem as cousas obliquamente. Daqui nascem duas partes da Perspectiva, segundo que ella se considera com estas duas especies de linhas visuaes, e a primeira se chama Optica, como abaixo diremos. E a segunda se chama Specularia, da qual não he nosso intento tratar.

O modo de ver he de tres sortes, por visão direita, ou reflexa, ou refracta. A visão direita he, quando o rayo visivel do olho á cousa vista he perpendicular, ou seja de cima, ou de baixo, ou das ilhargas; desórte, que seja o olho o centro, em respeito das mais partes: mas note-se, que com huma só visão não se podem ver muitas partes juntas. A visão reflexa se faz nos corpos lisos, e polidos, ou por natureza, ou por arte, assim como são os espelhos, onde dá o rayo, e logo vira ao olho, ao modo de huma péla, que lançais com força a hum muro,

B

e ella

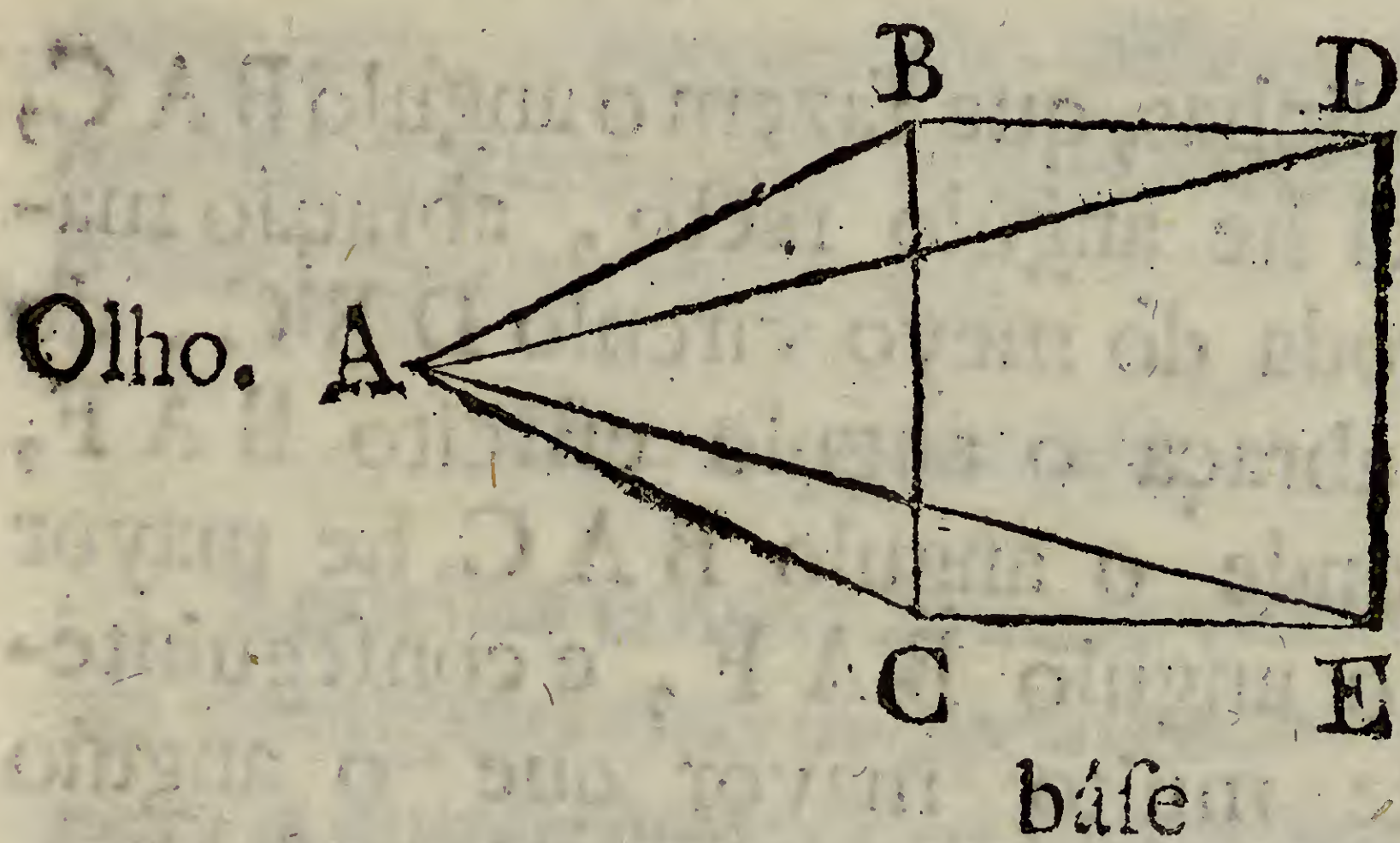


e ella se torna outra vez a vós. A visão refracta se faz quando olhamos por agoa, ou por vidro, ou por corpos diáphanos, e transparentes: chama-se refracta, porque caminhando os rayos do olho á couza vista, termina-se aquelle rayo no corpo, que acha em meyo, e dahi parte então com outro á couza vista, e faz hum angulo com o primeiro; e esta declinação, que faz o rayo do seu direito curso, se chama visão refracta.

Devemos logo imaginar, que a couza que queremos ver he huma báse de huma pyramide, a qual se fórma dos rayos do ver, os quaes partem do olho, como de centro, até a superficie, e contorno da couza vista. E assim por estes rayos se fazem os angulos no centro do olho, pelos quaes são as couzas differentemente representadas. E chamão os Latinos a este ver deste modo, Prospecto, donde vem perspectiva, e os Gregos lhe chamão Optica, por ser hum ver considerado; porque o ver simplesmente não he outra couza mais, que receber naturalmente na virtude do ver a fór-



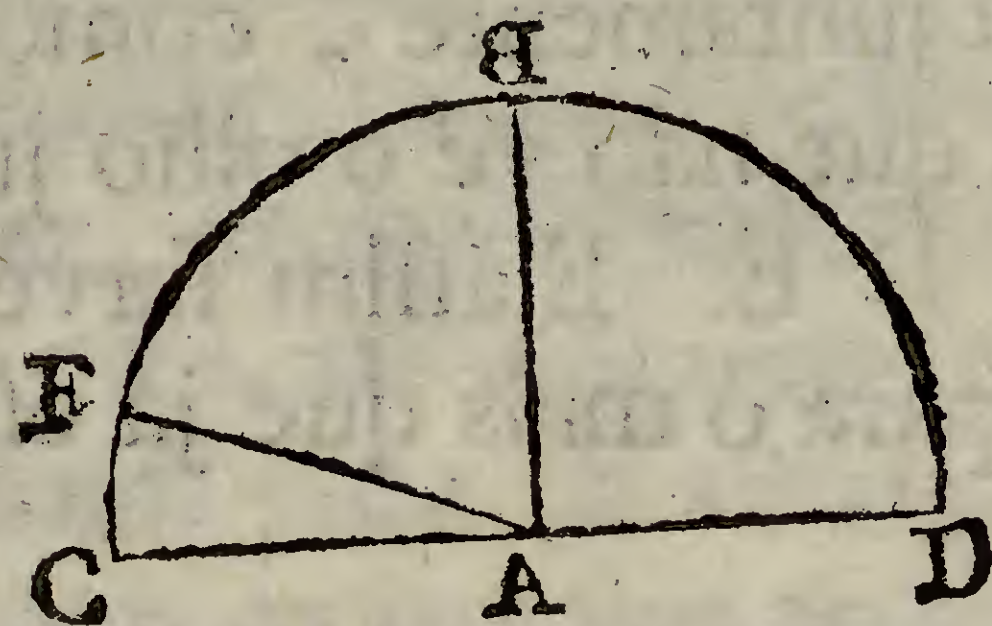
a fôrma , e semelhança da cousa vista ; mas o ver do Perspectivo he hum ver considerado , e advertido ; porque não fômente vê naturalmente , como o simplez ver, mas considera , e busca o modo como se vê , e assim vê que da cou- sa vista vem os rayos ao olho de todas as suas partes que são vistas ; porque não se podendo ella toda ver , mal po- dem de toda ella vir estes rayos ao olho ; defôrte , que este ver he por li- nhãs direitas. E nenhuma cousa visível se vê toda juntamente , como se vê no exemplo, que não vê o olho juntamen- te , B C D E. E assim serve tambem de próva para o mais que já está dito.





*Segundo principio.*

Neste segundo principio se trata da medida dos angulos, que dissemos fazer os rayos vindo da couza vista ao olho. E digo que a medida dos angulos se tira das partes da circunferencia, que são comprehendidas, daquellas linhas, que fazem os angulos.

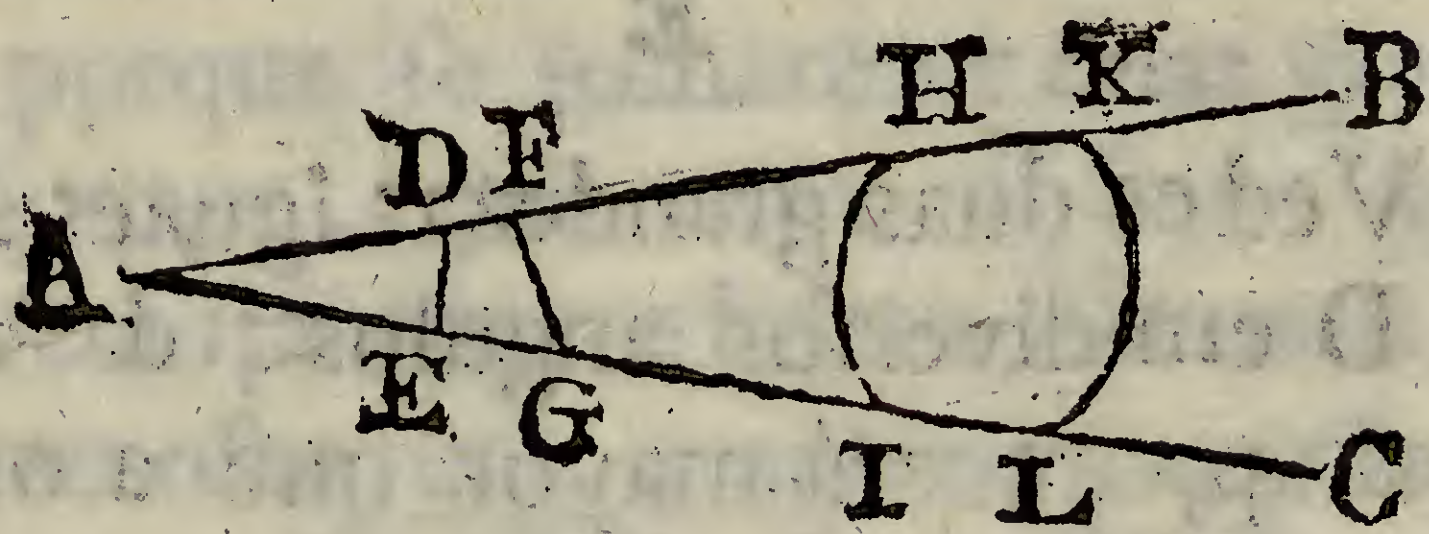
**EXEMPLO.**

As linhas, que fazem o angulo B A C, o qual he angulo recto, abração mayor roda do meyo circulo D B C, do que abraça o angulo estreito B A F, por onde o angulo B A C he mayor que o angulo B A F, e consequentemente muito mayor que o angulo F A D, e ambos são angulos estreitos.

Mas



Mas o angulo F A O, que he angulo largo, ou obruso, he mayor que todos os mais, e a razão he; porque abraça mayor circunferencia que os outros. Presupposto isto, digo agora, que aquellas cousas, que se vem debaixo de angulo igual, que parecem iguaes, o que se vê na figura seguinte.



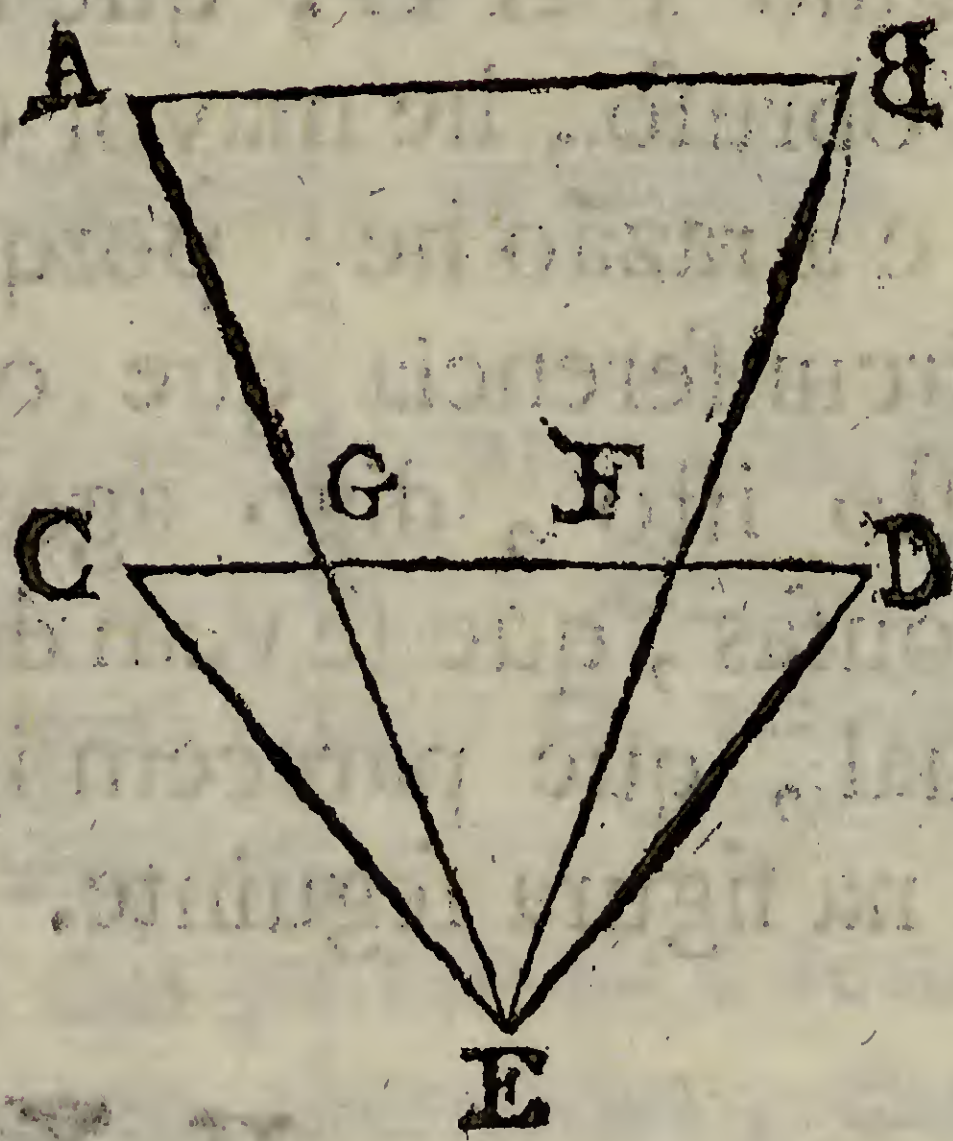
O olho he o A, os rayos são A B, e A C, os quaes fazem o angulo B A C, e as grandezas diversas são D E F G H I K L, as quaes são differentes, e desiguaes; e porque são vistas em hum mesmo angulo, que igualmente serve a todas, parecem iguaes.

*Outro principio.*

Aquellas cousas, que se vem debaixo de angulo mayor apparecem mayores, o que se declara na figura seguinte.

Vedes





Vedes duas grandezas iguaes A B , e C D em diversos angulos , das quaes huma apparecerá mayor que a outra , como C D apparecerá mayor que A B , porque o angulo debaixo , no qual se vê C D E , he mayor que o angulo A B E , porque como está mais perto do olho se vê mais distinctamente.

Deste modo se declara outro principio nesta mesma figura , o qual he , que as cousas que se vem debaixo de angulo menor apparecem menores. A grandeza A B parece menor da grandeza de C D , e a razão he ; porque a grandeza A B he vista no angulo A E B , que he menor que o angulo C E D , no qual



qual se vê a grandeza  $CD$ ; e pelo que acima temos dito,  $GF$  apparece igual ao  $AB$ , porque ambas são vistas no angulo igual.

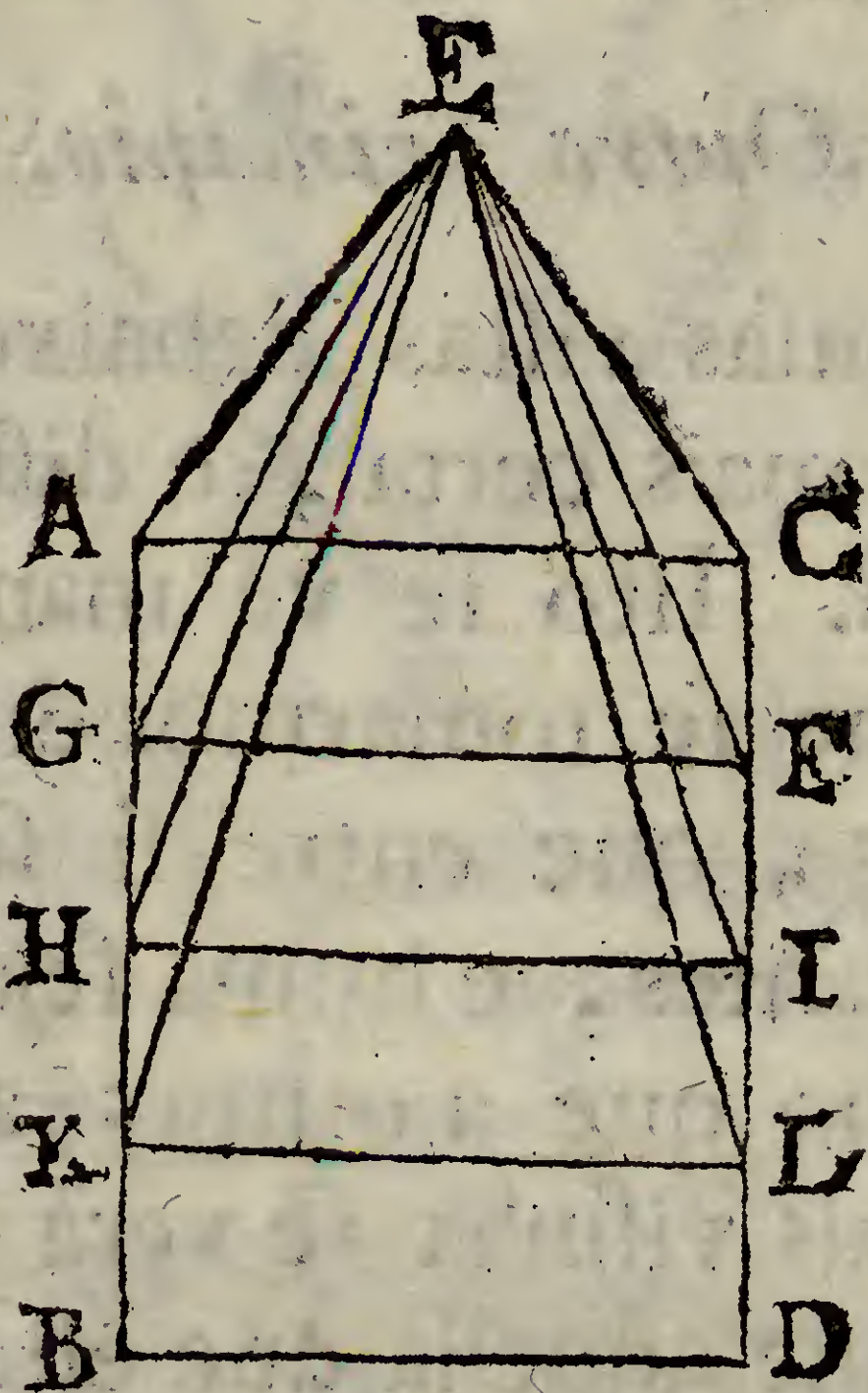
*Outro principio.*

As cousas vistas debaixo de mais angulos, mais certa, e distinctamente se vem. Isto se vê manifestamente; porque se tomarmos duas grandezas iguaes, que entre si sejam igualmente distantes, e huma seja mais visinha ao olho que a outra: aquella que estiver mais visinha se verá em angulo mayor, que aquella que está mais longe. Mas o angulo mayor póde-se partir em mais partes, que o angulo menor. Assim que a grandeza mais visinha se verá em mayor angulo, que a que está longe; e porque o eixo, ou ponto da pyramide visiva, a qual chega á superficie da cousa vista, he mais breve nas cousas mais visinhas ao olho, que o ponto da pyramide, que chega ás cousas vistas mais longe; por isso se segue, que as cousas vistas em mais angulos,



gulos, se veção mais distintas, e mais certas.

### EXEMPLO.



Depois disto se deve advertir, que as linhas, ou outra quantidade igualmente distante, ou alta, ou baixa, ou de lados que seja, parecerão ao olho que querem correr juntamente, e unir-se quanto mais longe estão do olho. Vede o exemplo na figura atrás, aonde não só os lados A B, e C D parecerão avifinharem-se hum ao outro, com as partes mais remotas do olho E;



E ; mas antes as linhas A C , G F , H I , K L , e B D farão o mesmo , assim que o B D parecerá mais visinho ao K L , que o K L ao H I , e o H I mais visinho ao G F , que o G F ao A C ; porque o B D se vê em menor angulo que o K L , e o K L que o H I ; e assim o restante. Do mesmo modo as partes da linha A B , e C D , que estarão mais longe do olho , parecerão avisinhar-se mais , que as mais visinhas ; porque os espaços , que estão entre as partes mais remotas , parecerão mais visinhos ; porque se vem em angulo menor. Onde vem , que se se puzer em perspectiva hum claustro , com columnas coberto , estando o olho no meyo do edificio , parecerá que o tecto se abaixa , e o pavimento se levanta pouco , e pouco , quanto mais se vay alongando do olho ; e assim a parede da mão direita parecerá que se avisinha nas partes remotas ás columnas da mão esquerda , e as da mão esquerda se avinhão á mão direita , como se vê no Theorema 12. de Euclides. E assim os espaços



ços entre as columnas parecerão mais pequenos, por estarem mais longe do olho, de modo, que as coufas altas parecerão abaixar-se, e as baixas levantar-se; tudo isto nasce dos angulos, com que se vem as coufas.

Donde, quando fizeres alguma Architectura em algum painel, haveis de tomar o ponto do meyo da quadratura, ou circunferencia, sendo redondo, e dahi haveis de lançar as linhas directas ás partes de fóra, e por onde ellas bornearem, por ahi ficarão lançados os filletes, assim dos frizos altos, como dos pedestaes baixos, entendendo os das ilhargas, e não os fronteiros, que effes se lanção á vontade de quem faz a Architectura. Mas notai, que este ponto muitas vezes he necessario que se ponha a huma ilharga do painel, ou aonde melhor esteja; mas as linhas sempre borneão d'elle, e o vão buscar.

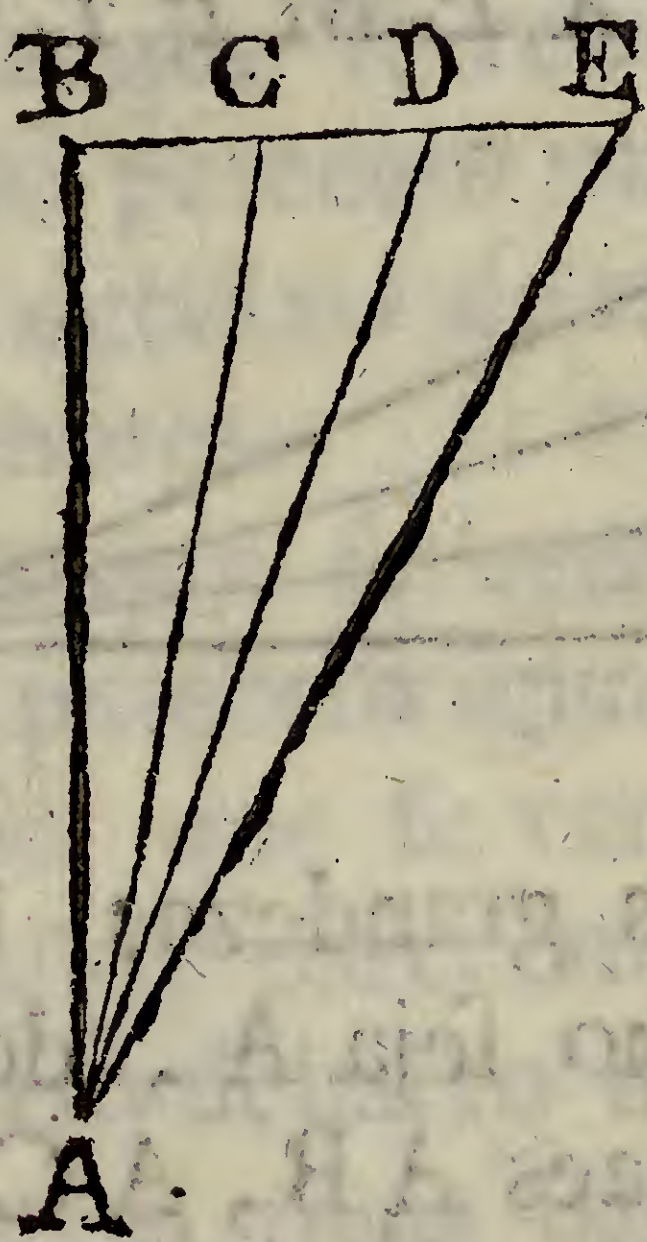
*Outro principio.*

Entre as distancias iguaes postas sobre huma mesma linha recta, as que  
se



se virem de mais longe parecerão menores.

EXEMPLO.



Sejão as distancias iguaes B C , C D , D E , e o olho seja A , do qual sayão os raios visuaes A B , A C , A D , A E , e esteja A B em angulos rectos sobre B E , e porque no triangulo rectangulo A B E , são iguaes B C , C D , D E , ferá o angulo B A C maior que o angulo C A D , e o angulo C A D maior que o angulo D A E , logo maior parecerá B C que C D , e C D que D E .

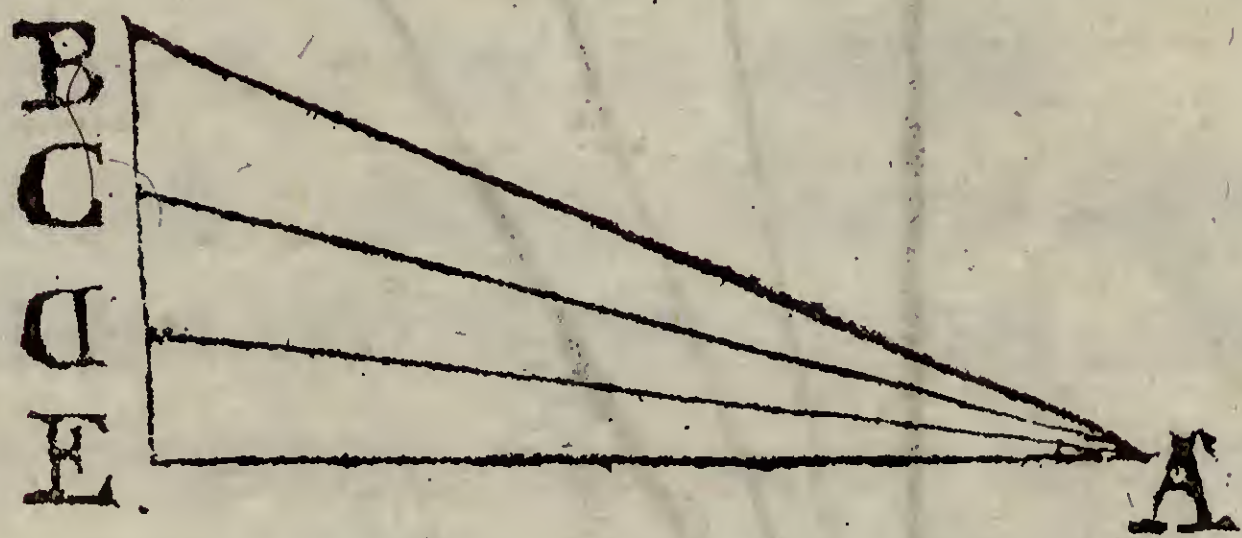
Outro principio.

As grandezas iguaes , que postas em



em huma mesma linha recta , estão entre si apartadas , parecem desiguaes.

### EXEMPLO.



Sejão as grandezas iguaes  $BC$ ,  $DE$ , e o olho seja  $A$ , do qual sayão os rayos visuaes  $AB$ ,  $AC$ ,  $AD$ ,  $AE$ , e seja recto o angulo  $BEA$ , logo maior he o angulo  $EAD$ , que o angulo  $BAC$ , e por isto  $ED$  parecerá mayor que  $BC$ , donde se segue que as grandezas  $BC$ ,  $DE$ , parecem desiguaes.

E para que melhor se tenham estes principios na memoria, os epiloguei no modo seguinte, depois de já estarem provados.

Os rayos, que sahem do olho, vão por linha direita á cousa vista, e entre si estão apartados com alguma distancia.

Aquel-



Aquellas cousas se vem aonde che-  
gão os rayos visuaes : e aquellas se não  
vem aonde elles não chegam.

As cousas que se vem debaixo de  
mayor angulo parecem mayores : e as  
que se vem debaixo de menor angulo  
parecem menores.

As cousas que se vem debaixo de  
igual angulo parecem iguaes.

As cousas que se vem debaixo de  
rayos mais altos parecem mais altas ;  
e as que se vem debaixo de rayos mais  
baixos parecem mais baixas.

As cousas que se vem com rayos ,  
que dobrão mais á mão direita , pare-  
cem mais direitas. E as cousas que se  
vem com rayos, que dobrão mais á mão  
esquerda , parecem mais esquerdas.

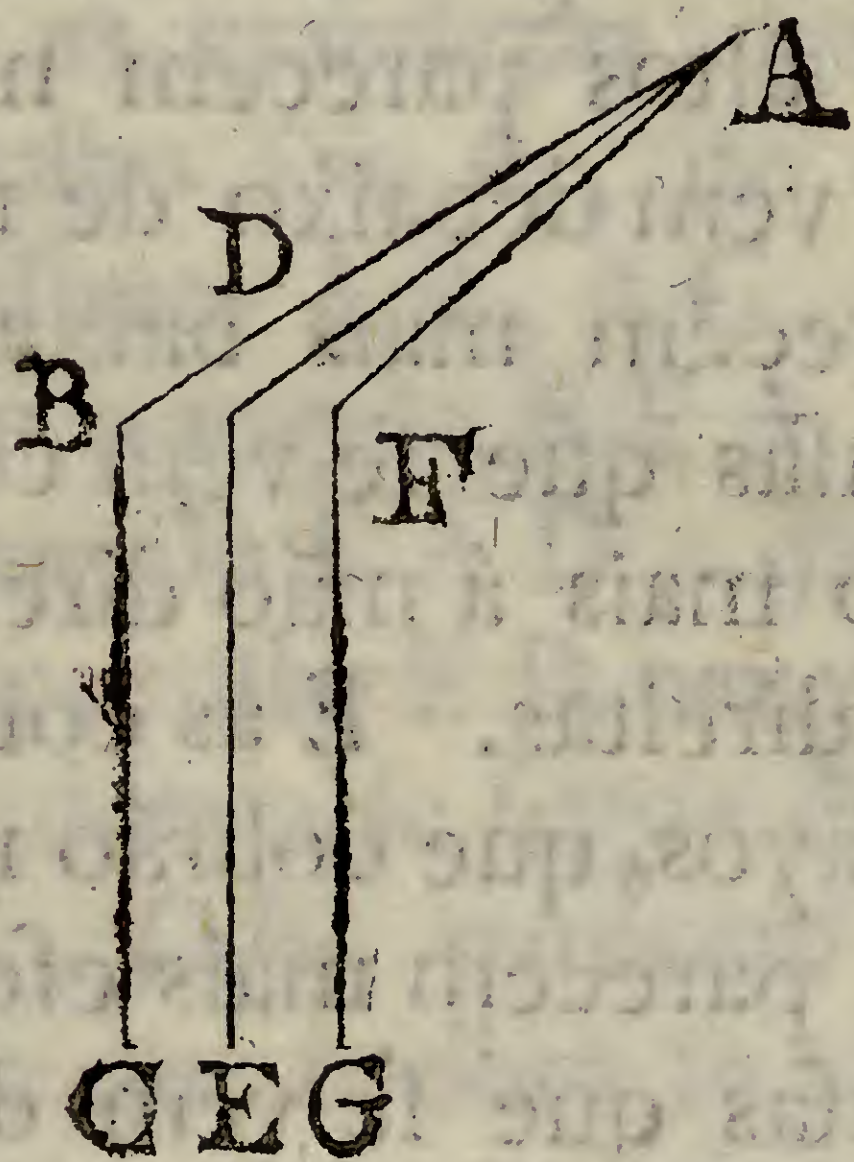
As cousas que se vem debaixo de  
mais angulos se vem mais distincta-  
mente.

*Outro principio.*

Sejão as grandezas iguaes B C, D E,  
F G , as quaes estejão postas debaixo  
do olho A , e do olho A sayão os rayos  
visuaes



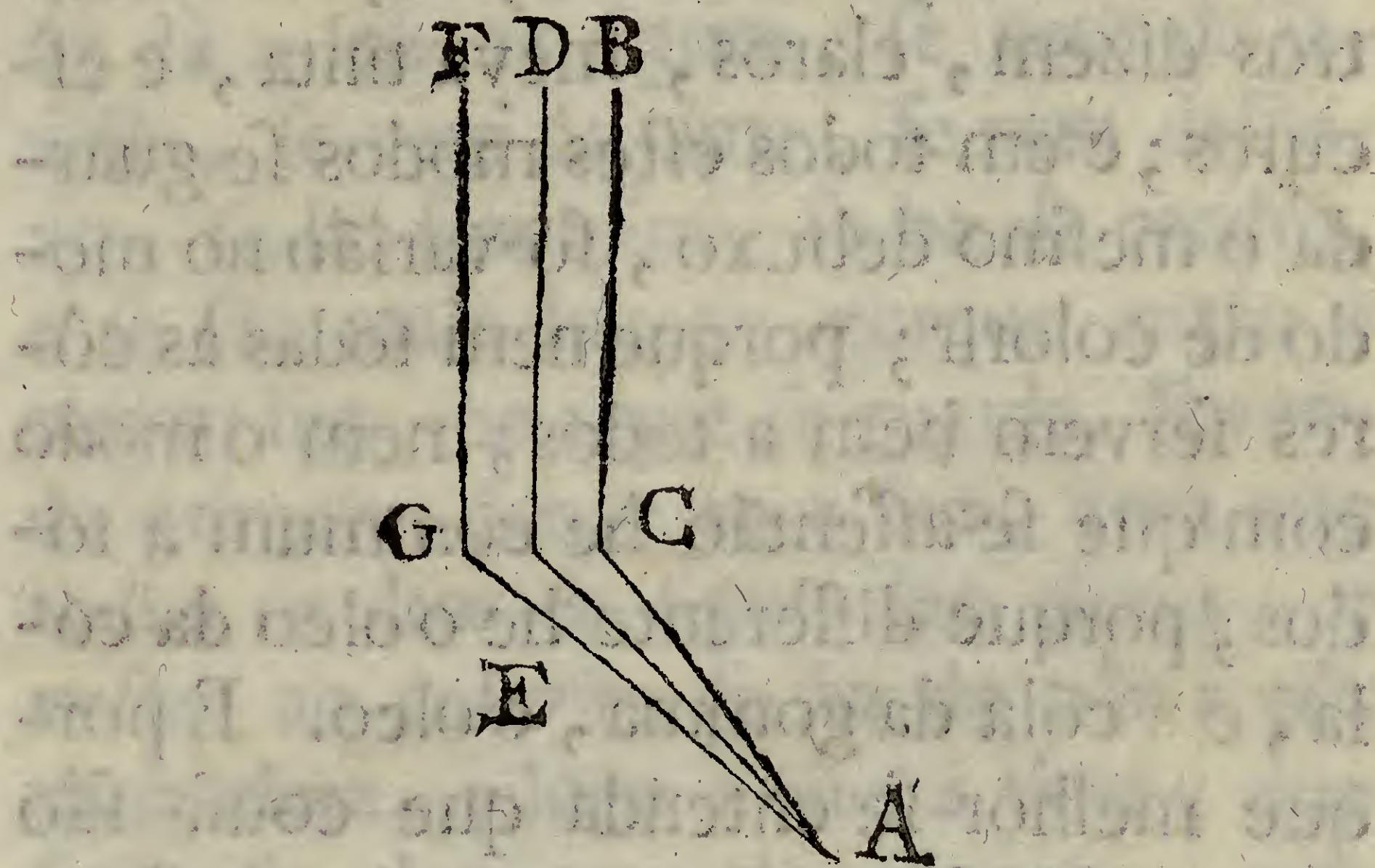
visuaes A B, A D, A F; e porque A B está mais alto que os mais rayos visuaes, logo tambem o ponto B estará mais alto que os pontos D F, e pelo conseguinte tambem B C estará mais alto que D E, e D E mais que F G, pelo que entre as grandezas iguaes postas debaixo do olho, as que estão mais apartadas parecem mais altas.

*Outro principio.*

Entre as grandezas iguaes postas sobre o olho, as que estão mais apartadas parecem mais baixas. Sejam as grandezas iguaes B C, D E, F G, as quaes



quaes estão postas encima do olho A, e do olho A sayão os rayos visuaes A C, A E, A G; e porque A G está mais baixo que os mais rayos visuaes, logo o ponto G mais baixo estará que os mais pontos, e por isto F G parecerá mais baixo que D E, e D E mais que B C.



ARTE DA PINTURA.

**P**intura, como diz Plinio, he humma representação da fôrma de alguma couza, lançadas certas linhas, e traças. Esta, se tratarmos do modo de colorir, e tratar as côres, tem tres partes; convêm a saber; Pintura a oleo,  
Pintura



Pintura a têmpera, Pintura em pergaminho, que chamão illuminação, e ainda a Pintura a têmpera se divide em Pintura a fresco. Mas se tratarmos quanto aos lineamentos, e traças, he huma s  coufa; porque em todos estes modos se guard o os mesmos claros, escuros, e meynos escuros; ou, como outros dizem, claros, meya tinta, e escuros; e em todos estes modos se guarda o mesmo debuxo, s  vari  o no modo de colorir; porque nem todas as cores fervem bem a todos, nem o modo com que se assent o he commum a todos; porque differente he o oleo da c la, e a c la da gomma, e oleo. E porque melhor se entenda que coufa são claros, e escuros, e meya tinta, façamos particular annotação, e depois trataremos dos modos da Pintura, o que mais communmente se usa.

*Que coufa seja sombra, e luz na Pintura, e donde se dão.*

Daniel Barbaro, tratando este ponto, diz que as sombras na Pintura não são



são outra cousa mais, que falta de luz; porque aonde a luz dá, e fere, sempre alli está mais claro, e aonde ella vay faltando, logo as sombras se vão seguindo pouco, e pouco. E para melhor se isto deixar entender, se advirta, que todo o Pintor, que quizer acertar, ha de ver, primeiro de tudo, aonde dá a luz na figura, se vem da janella, se vem de cima, se vem debaixo, se he fronteira, se he de candêa, e se são mais luzes; porque então a mayor luz, he a que se guarda. E vendo primeiro donde he a luz, verá que todos os altos da figura são claros, e nestes ao colorir, se ha de pôr a côr mais clara, e logo a meya tinta, que será esta clara com alguma outra, que a affombre; e nos escuros servirá a mesma meya tinta com outra, que a escureça mais; e se for necessaria outra mais escura, para os mais fortes, aonde de todo falta a luz, tambem se lhe applicará: e para que isto melhor se entenda da luz, se póde fazer experiencia de noite á candêa, aonde se



verá claramente o que he luz , e o que he escuro: e se o Pintor guardar esta ordem , em breve tempo alcançará o que ha nesta Arte , para saber relevar bem huma figura , e que pareça, sendo pintada, que he de vulto.

Tem esta regra huma exceição , que nos corpos esphéricos , e redondos não ha luz de todo clara em todos elles , bate só em hum ponto , e logo se vay diminuindo , assim como se vay fazendo o redondo , até que bate em hum forte , e escuro muito escuro ; e a razão he , porque , como he esphérico , vay logo a luz faltando a huma, e outra parte quando he fronteira : mas se he de huma ilharga , daquella aonde dá a luz , sempre he mais clara, e aonde falta , mais escura. E porque dissemos que a Pintura constava de certas linhas , e traças , será bem dizer do lineamento de hum corpo humano, para se verificar a definição.



## SYMMETRIA,

*Das partes, em que se divide hum  
corpo humano, na Pintura,  
e Escultura.*

**S**ymmetria, nome Grego, quer dizer proporção conveniente, que ha nas partes, e membros humanos. Author della (como diz Plinio *lib. 32. cap. 8.*) foi Polycleto. Tratarão desta Arte Alberto Dureiro, em quatro livros, que compôs de Symmetria. João Darfe no livro que fez de Geometria, Daniel Barbaro *na oitava parte de sua Perspectiva cap. 1.* Vitruvio *lib. 3. cap. 1.* E o que delles tirei mais necessario, he o seguinte.

*Symmetria de João Darfe.*

**T**Erá toda a figura dez rostos. O rosto se entende, do nascimento do cabello da testa, até a ponta da barba, e não se conta mais hum terço, que vay

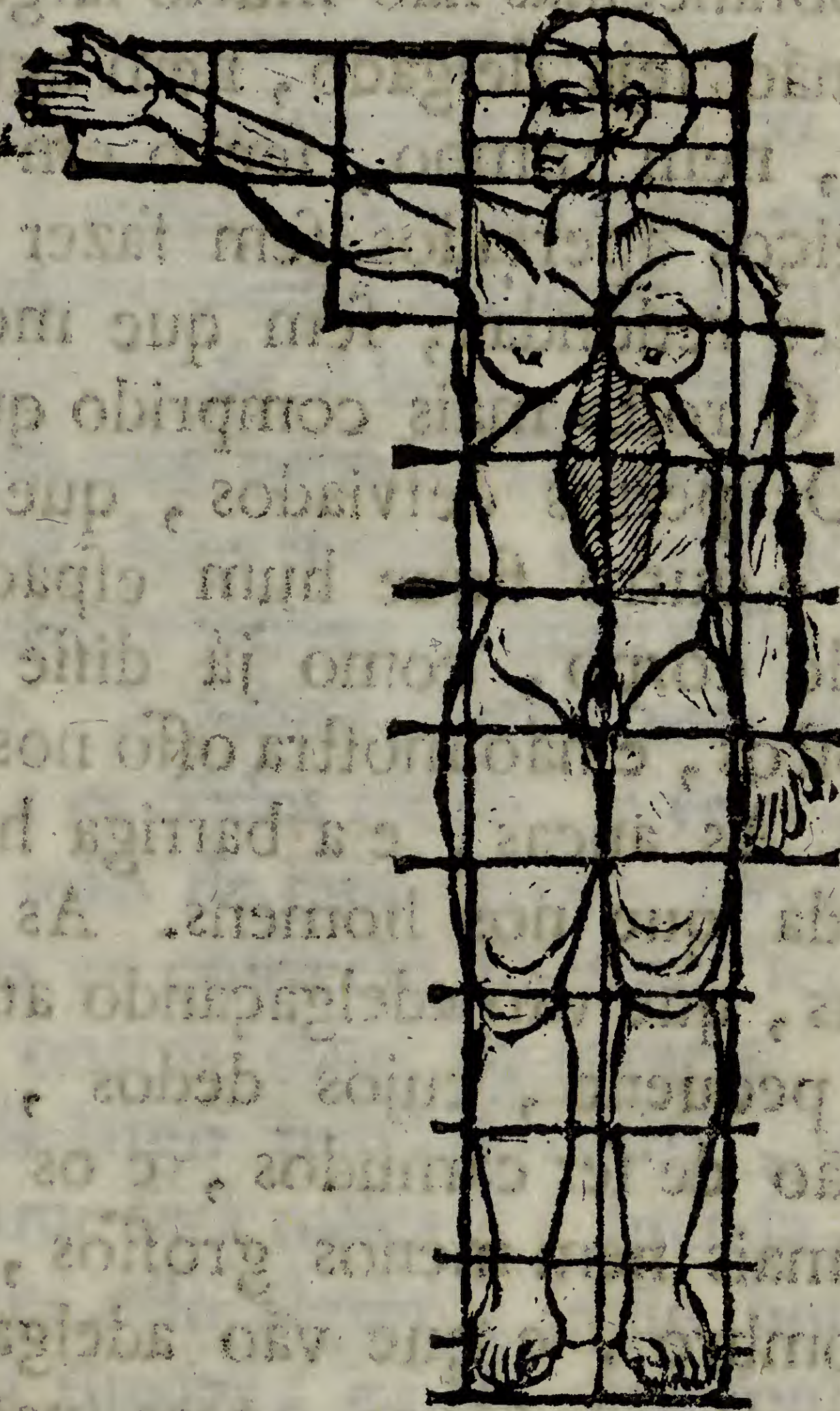


por cima da testa. Destes dez rostos, os cinco primeiros chegam até o nascimento das pernas, e os outros cinco vão até a planta do pé. De largo tem dous rostos de costado a costado, e sahem os hombros de cada parte hum terço. Cada braço tem de comprido quatro rostos até a ponta do dedo mayor, começando do foyaco, por onde fica, que estendidos os braços ficam os dez rostos, com os dous que ha de costado a costado. Do embigo até a ponta do dedo do braço estirado, vem a fazer na ponta do dedo pollegar do pé hum redondo perfeito. O pescoço tem dous terços de rosto em largo, e em comprido hum terço, desde a orelha até a garganta. A orelha tem a altura do nariz. Da ponta do cabello até a sobancelha tem hum sexto. Da sobancelha até a maçã do rosto tem hum sexto, que tem de alto cada olho, e neste direito fica o ouvido. Do nariz á boca ha hum terço de terço. Da boca á barba ha dous terços de terço.

EX-



## E X E M P L O .



Nos rostos, e proporção das mulheres se guarda a mesma medida, que nos homens, ( diz o mesmo Author ) tirado que a testa será descoberta, e lisa, e os olhos mais desviados; de maneira, que haja entre hum, e outro



tro hum fexto até os lagrimaes. Serão grandes, mas não muy abertos, e as sobancelhas não muito largas. O nariz não seja delgado, nem agudo na ponta, nem rombo, senão em meyo. Os beiços apertados sem fazer força. As faces redondas, sem que mostrem osso. O rosto mais comprido que largo. Os peitos desviados, que entre hum, e outro fique hum espaço. O alto do corpo, como já disse, tem dez rostos, e não mostra osso nos membros. As ancas, e a barriga he mais crescida que nos homens. As pernas grossas, que vão adelgaçando até fazer o pé pequeno, cujos dedos, e forma hão de ser carnudos, e os braços nem mais nem menos grossos, a par do hombro, e que vão adelgaçando até o cólo do braço, e as mãos carnosas, que não descubram osso.

*Symmetria dos Meninos.*

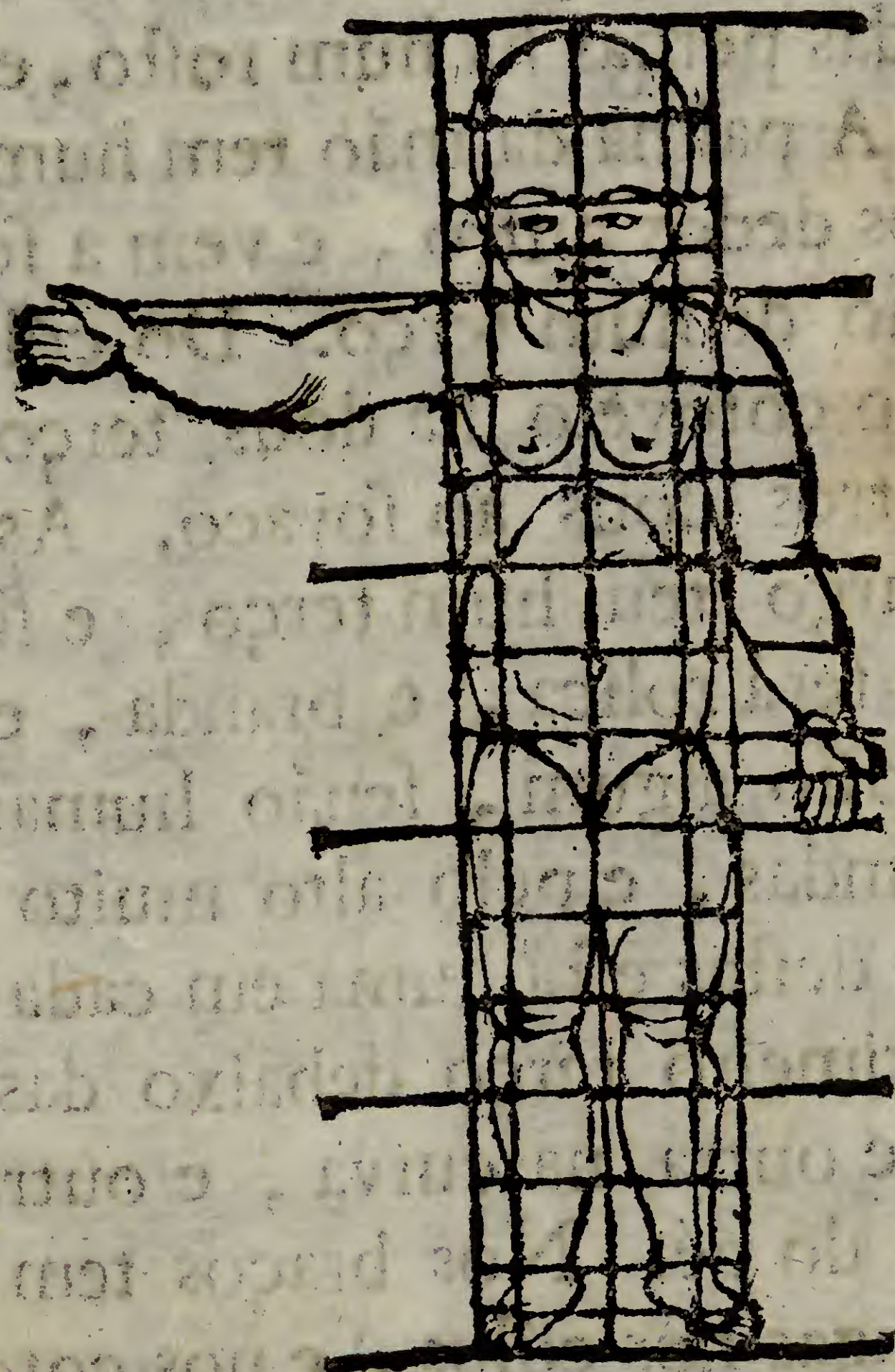
**A** Proporção dos Meninos de tres annos (diz o mesmo Author) tem cinco



cinco rostos. Hum da barba até o alto da cabeça, os dous no corpo, e os outros dous nas pernas. Cada hum destes se divide em tres terços; da superficie da cabeça á ponta do cabello hum: dahi ás sobancelhas outro, e ao comprimento do nariz hum sexto, e outro se dá á boca, e barba dividido em tres partes. Da barba aos peitos ha dous terços, e dahi ao nascimento das pernas ha hum rosto, e hum terço. A palma da mão tem hum sexto, e os dedos outro, e vem a fer toda a mão de hum terço. Do côlo do braço ao cotovelo ha dous terços, e dahi outros dous ao foyaco. As coixas de largo tem hum terço, e sexto. A carne será roliça, e branda, e não mostra osso algum, senão humas arrugas fúndas, e pelo alto muito carnosas, e destas está huma em cada coixa ao primeiro terço debaixo das nadegas, e outra na curva, e outra na garganta do pé. Nos braços tem outras arrugas nos côlos, e nos cotovellos, e joelhos fazem hums buracos em  
que



que muito mal se determina no meyo  
delles os ossos daquellas partes. O pes-  
coço he de só duas arrugas, huma que  
vay por junto das orelhas, e outra  
hum quarto de terço mais abaixo.  
Estes membros são todos redondos, e  
faceis de mover.

**EXEMPLO.***Symme.*



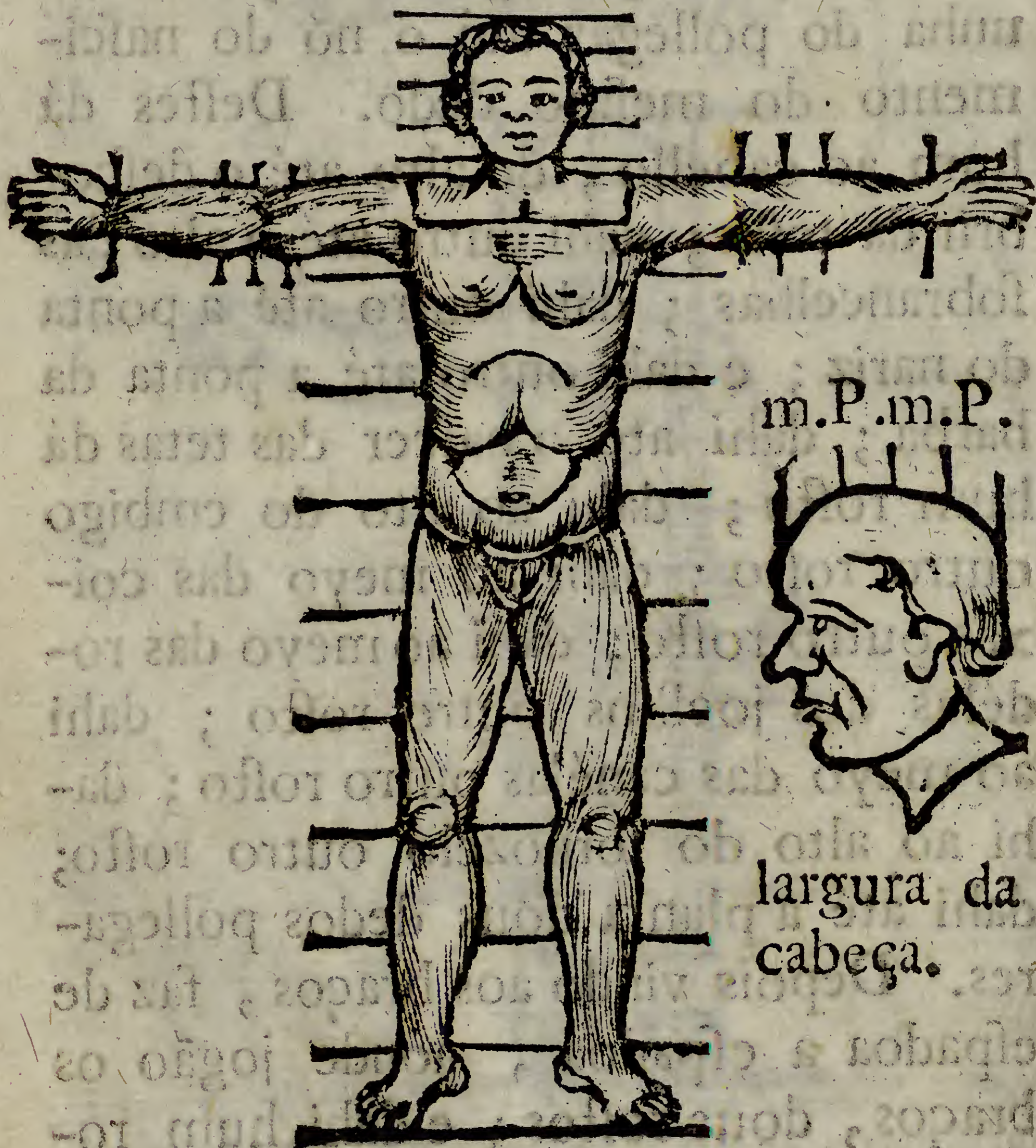
*Symmetria de Daniel Barbaro.*

**D**aniel Barbaro, no lugar acima allegado, usa de outro modo de lineamentos do corpo humano, e mais faceis, e são os seguintes. Hum rosto reparte-o em quatro dedos pollegares, chama dedo pollegar da ponta da unha do pollegar até o nó do nascimento do mesmo dedo. Destes dá hum ao cabello, do alto até o descobrir da testa; dahi outro até o alto das sobrancelhas; dahi outro até a ponta do nariz; e dahi outro até a ponta da barba; dahi até o nascer das tetas dá hum rosto; dahi ao alto do embigo outro rosto; dahi ao meyo das coixas outro rosto; dahi ao meyo das rodélas dos joelhos outro rosto; dahi ao meyo das canélas outro rosto; dahi ao alto do tornozelo outro rosto; dahi até a planta dous dedos pollegares. Depois vindo aos braços, faz de espadoa a espadoa, aonde jogão os braços, dous rostos; e dahi hum rosto,



sto , e hum dedo pollegar ao jogar do cotovelo ; e dahi ao jogar da mão outro rosto , e pollegar ; e dahi á ponta do dedo do meyo outro rosto. A largura da cabeça tem tres pollegares , na fórma que está estampada.

### EXEMPLO.



Symme



*Symmetria de Vitruvio.*

**V**itruvio, *lib. 3. cap. 1.*, diz que de tal modo he composto o corpo humano, que da ponta da barba até onde fenecem os cabellos he a decima parte do corpo; do alto do peito onde fenecer o pescoço até o cabelo he a sexta parte; da ponta da barba até o alto da cabeça a oitava parte; e da mesma ponta da barba até o mais alto do cabelo a quarta parte. O comprimento do rosto se divide em tres partes, f. da barba ao nariz, e da ponta do nariz aonde elle fenecer com a sobrançelha, e da sobrançelha á ponta do cabelo, em outra parte. O pé tem de altura a sexta parte. Ao cotovelo a quarta parte. Ao peito outra quarta parte. Mario Equicola *De alveto lib. 2.* declarando em certa occasião a Vitruvio ajunta, que se o corpo he robusto que terá sette rostos, e se for delgado terá oito, e nove. As mulheres de sette rostos o mais das vezes, e até oito.



oito. As orelhas bem feitas são aquellas cujo meyo circulo he tamanho como o meyo circulo que faz a boca aberta. O nariz será de largura junto á boca, quanto he o comprimento do olho. O nariz ordinariamente se faz tão comprido, como he a boca. A mão he tão comprida como hum rosto. O embigo he o centro do homem, porque dahi lançando o compasso aos braços abertos, vem a fazer hum redondo com os pés escanchados. Isto dizem estes dous Authores. Daniel Barbaro, explicando mais a Vitruvio, diz assim na sua oitava parte: Seja huma linha tão comprida como quereis fazer a altura do corpo, e ponde-lhe no alto A, e no baixo B; logo parti esta linha em oito partes iguaes com os pontos C, D, E, F, G, H, I, e supponde que á parte de cima entre A C, que he a altura da cabeça, da barba até o alto da cabeça; depois tornai a partir a mesma linha em dez partes iguaes com seus numeros 1, 2, 3, &c.; depois abri o compasso, quanto he a  
decima



decimã parte da linha dividida em dez partes, e pondo o pé no ponto C, aonde he a barba, e voltando o outro pé para onde está o A, faça o ponto O, assim que o espaço, que fica entre C O, he a decima parte de todo o corpo, e he o espaço da barba, até a raiz do cabello, donde he o alto da testa.

**A** Depois parti a linha A B, em seis partes iguaes, e tomai huma dellas do ponto O, para a parte do B, e ahi notai K, aonde será o alto do peito, e desta ao alto da testa, aonde está o ponto O, será a quinta parte da altura do corpo: e assim se compõem o texto de Vitruvio, que diz a quarta parte. A'lém disto, parti o espaço entre o ponto C, e o ponto O em tres partes iguaes, e a de cima dai á testa, a do meyo ao nariz, e a debaixo do nariz á barba, e assim se reparte o corpo humano.

**B**



O pé he a sexta parte da altura, e o cotovelo a quarta, pondo o comprimento da mão. O peito conseguintemente a quarta, comprehendendo o peito debaixo; porque da altura do peito donde está o ponto K á altura da cabeça donde está o ponto A, he a quinta parte, e assim deste modo divide Vitruvio o corpo humano. Até aqui he de Daniel Barbaro.

*Symmetria de Alberto Dureiro.*

**A**lberto Dureiro no primeiro livro de sua Symmetria na figura B segunda me pareceo mais conveniente, e melhor que todas as mais que usa. A sua repartição não se deixa bem entender; e porque claramente se veja, a porei em Latim assim como está na sua tradução de lingua Toscana em Latim, e he a seguinte.

*Ita longitudinem membrorum metieris. A syncipite quod bregma dicitur usque ad medii juguli summitatem*

*una*



una pars esto decima, & una undecima. Ad summos humeros due partes. 11. Ad imum mentum una pars. 7. Summitas verticis media est interinciput, & frontem. A mento usque ad radices capilli una decima. Hanc si partitus fueris in tria aqualia spatia, primum frontem, secundum oculos & nasum, tertium os, & mentum designabit. A jugulo usque ad summum petus una. 30. sub alas una. 3. Ad mammamas una. 10. Infra mammamas una 8. Lumbos due. 11. A lumbis ad umbelicum una. 40. Sinus coxarum una. 30. imas coxendices una. 10. Pudenda una. 8. extremam glandam una. 6. imas nates una decima & una. 11. Ab imis natibus ubi usque foemina quasi sulcantur, id est, ad medium femur una. 18. A planta ad imum talem una. 28. A planta ad montem pedis una. 20. E genu medio usque supra illud esto una. 21. Infra vero una. 4e. Ad imam suram exterius due sunt. 19. Interius una. 8.



## Mensura brachii.

*Ab humero enim ubi illius caput ad jugulum annectitur ad cubitum usque, duæ. 11. Cæterum ab humero ad imos masculos una. 10. A cubito ad extremos usque digitos una. 4. Ab extremis digitis retio ad extremam manum una. 10. Etsi in unam 9. produci non est inconcinnum si cui forte ita libeat.*

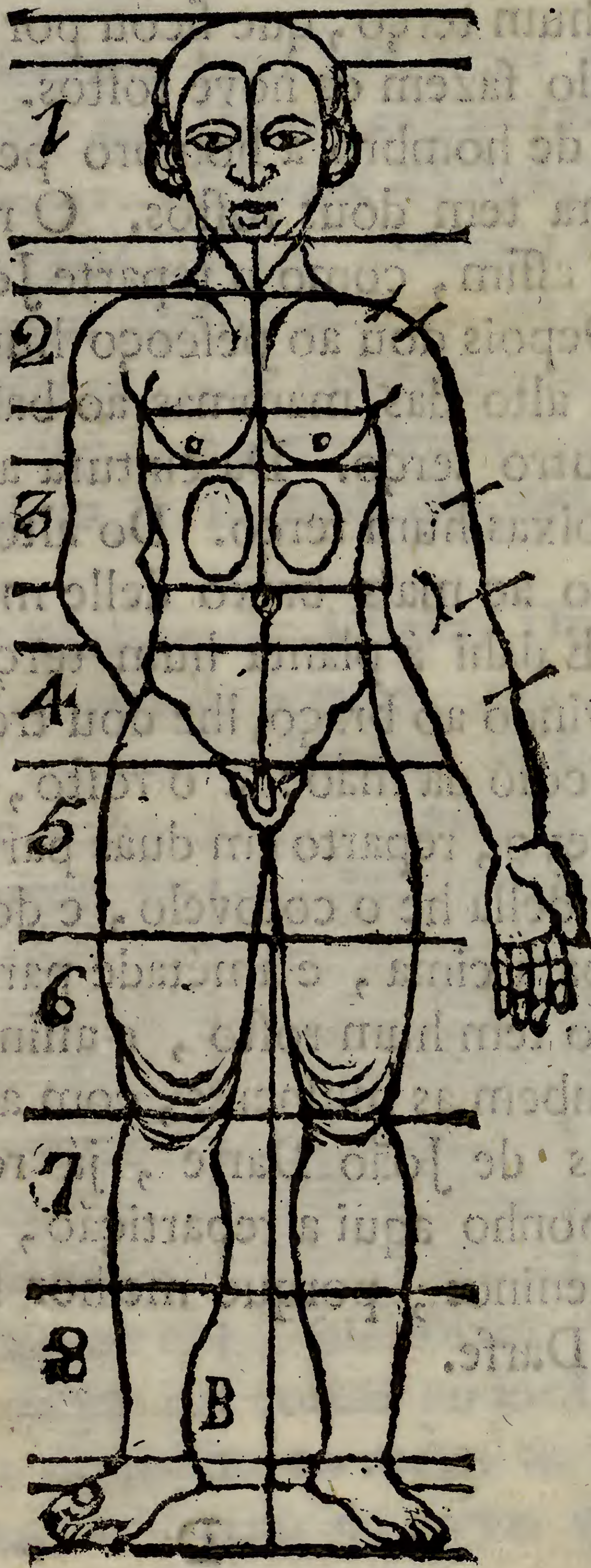
Até aqui he de Alberto Dureiro. Mas eu ufando da licença, que elle dá aos que quizerem repartir as suas figuras de outro modo, reparto assim a sua segunda figura. Faço a figura toda em nove rostos. O primeiro da ponta do cabello á ponta da barba. O segundo da ponta da barba ao fovaco. O terceiro do fovaco ao alto do embigo. O quarto do alto do embigo ao baixo da barriga. O quinto do baixo da barriga ao meyo das coixas. O sexto do meyo das coixas ao joelho. O septimo do joelho ao meyo da barriga da perna. O oitavo do meyo da barriga



riga da perna ao alto do tornozelo. O nono do alto do tornozelo á planta, com hum terço, que ficou por cima do cabello fazem os nove rostos. De largura de hombro a hombro pelo perfil de fóra tem dous rostos. O rosto reparto assim, como o reparte João Darfe. Depois dou ao pescoço hum terço. E do alto das mammas ao baixo dellas outro terço. Da cintura ao nascer das coixas hum terço. Do alto do tornozelo ao mais baixo delle meyo terço. E dahi á planta hum terço. Depois vindo ao braço, lhe dou tres rostos até o cólo da mão: e o rosto, que fica em meyo, reparto em duas partes, e o meyo della he o cotovelo, e dou amétade para cima, e amétade para baixo. A mão tem hum rosto, e assim reparto tambem as mulheres, com as advertencias de João Darfe, já referidas. Não ponho aqui a repartição, que faz dos meninos; porque melhor he a de João Darfe.



EXEMPLO.



No



*Nomes das tintas, que se lavrão a oleo.*

**A**s tintas, que se ufão a oleo, são estas: Alvayade, Vermelhão, Verdete, Zarquão, Sinopera, Genolim, iou, como outros dizem, Machim, Maficote, Sombra de Cintra, ou de Osso queimado, Cinzas, Ocre claro, Esmalte, Ocre escuro, Lacra, Cochonilha, Preto de Flandes, ou Carmim, Verdacho, Terra Roxa, Almagra, Jalde. Todas estas se móem na pedra, salvo os Azuis, que são delgados, que na paleta com o oleo se concertão. Depois de moídas, para estarem frescas, para em todo o tempo se lavrarem, se porão na lagoa em suas vieiras cobertas com papel o Alvayade, Zarquão, Maficote, Vermelhão, as outras se cobrirão muito bem, porque lhes não entre pó.

*Modo para apparelhar panno, e madeira para a pintura.*

Primeiramente, os paineis de páo se apparelhão na forma seguinte: To-



marão cóla feita de baldreu, que he pelle de luvas, os retalhos dellas cozidos muito bem, a agoa que fica delles, depois de desfeitos, he a cóla, esta que não seja muito forte, dai duas mãos no painel. Depois de enxuta, tomai gesso moído, e com a cóla fazei huma lavadura, ou agoarelha, e assim dai outra mão, depois de enxuta lhe tornai a dar outra mão com mais gesso, depois de enxuto o raspai, de modo que fique muito liso, e igual; depois lhe dai huma, ou duas mãos de imprimadura, e depois de secco o tornai a correr com lixa, de modo que fique muito liso, e igual. Logo debuxai, e coloride morte côr. E notai, que a imprimadura não he outra cousa mais, que terra de Cintra, ou qualquer outra côr baixa, moída com oleo, e levará seu seccante: e que cousa seja seccante, se dirá em seu lugar. Os pannos se apparelhão assim: Tomai huma grade, e nella estirai o panno muito bem, e o pregai, depois lhe dai huma mão de cóla fraca, e de-



e depois de enxuto, se for necessario, outra mão de cóla, para tapar melhor, tambem se lhe póde dar. Depois tomai a imprimadura, e com a faca, ou com huma colher de pedreiro pequenina a ide assentando, mas melhor he com a faca, porque leva diante de si todas as arestas, que tem o panno; depois de enxuta lhe dai outra mão, que fique bem coberto o panno; e depois de enxuto, o correi com huma pedra pomes de modo, que fique muito liso, e sem noz, logo debuxai, e colorí de morte côr. Chama-se morte côr a primeira côr, que se dá na figura, porque sempre morrem as côres, e assim he necessario dar-lhe depois de bem enxuto a viva côr, com côres bem moídas, e boas. Outros apparelhão os pannos differentemente, mas este he o melhor modo, porque não quebra, nem escafca a pintura, como fazem os Romaniscos, que á conta de os Pintores pintarem muito mimoso fazem muito grande côdea, e logo o panno escafca com qualquer máo trato.

*De*



*De todo o modo de seccante.*

O seccante se faz de muitos modos, e alguns não servem senão a certas tintas. O seccante de pedra hume he o fó para o Jalde, quando se usa a oleo, e faz-se deste modo: Tomai a pedra hume, e queimai-a em huma telha, e depois de queimada tomai aquelle pó, e misturai-o com o Jalde, e seja de modo que não faça perder a côr do Jalde, conforme a quantidade da côr podeis tomar a pedra hume. Outro seccante ha para o preto, este he o verde de fômente moído, e misturado com o preto na paleta. Outro seccante ha de vidro, que serve para a Lacra, faz-se deste modo: Tomai o vidro em pedaços, e botai-o no fogo até que se faça bem vermelho, e se queime bem, depois quando moeres a Lacra depois de teres tirada toda a Lacra com o colhedor da pedra, naquella, que ficar sem alimpares a pedra, botai o vidro já queimado, e moei muito bem, e ficará já de algum modo.



do parecendo Laca, este misturai na paleta com a Laca, e he muito bom seccante. Tambem na Laca he bom seccante huma pontazinha de Zarquão. Ha outro seccante de fezes de ouro para todas as côres, que he o melhor, e faz-se deste modo: Tomai as fezes de ouro moídas, e atai-as em hum paninho, e logo ponde o oleo em hum pucaro a ferver, e lhe mettei dentro as fezes assim no panno, como der humia fervura, tirai o oleo, e de dentro o panno, e o oleo que fica he o seccante limpo, neste quando layrais molhai o pincel, ou misturai, e he bom seccante. E se não quizeres cozer o oleo, tomai as fezes de ouro moídas, e á noite botai em huma viciara o oleo, que haveis de gastar ao outro dia, e nelle botai huns pôs das fezes, e fica este oleo pela manhã muito bom seccante, e muito limpo. E não façais muito, porque logo se faz graxo.

# Modo



*Modo de usar o Jalde a oleo.*

Tomai o Jalde que tenha boa côr, bem amarella, e dourada, e moê-lo-heis com agoa clara muito bem moído, depois de enxuto o tornai a moer a oleo, e usai delle tal nos claros com seu seccante, como fica dito. E para as sombras usai delle deste modo: Tomai o Jalde em pedra, assim como o comprais, e queimai-o no fogo em hum colher de ferro, ou em hum testinho, e seja sobre brazas sem fumo, e como fizer fio como mel, então está já queimado, depois o moei muito bem com agoa, e depois de enxuto o usai com oleo por sombra do outro Jalde; e se quizeres assombrar mais, misturai-lhe terra roxa, que também a soffre, e Lacra, e preto para os fortes.

*Modo de usar o Espalto.*

Tomai o Espalto, e ponde-o em hum pequeno de oleo ao fogo, e como estiver brando dai-lhe quatro voltas



tas na pedra, e fica moído. Este se usa nos escuros dos Encarnados depois da figura enxuta, como quem regraxa.

*Modo de fazer Verdes.*

De Verdete, e Alvayade se faz Verde, e na paleta se concerta para os claros, e escuros, e meya tinta. Outro se faz de Cinzas, e Masiquote. Outro se faz de Verdete, e Machim, ou Masiquote, e na paleta podeis fazer os claros, e meya tinta, e escuros, ou ajudando com Alvayade os claros, ou com preto os escuros. Os Verdes para têmpera, e iluminação se dirão em seu lugar.

*Modo de usar o Alvayade, e Cinzas.*

O Alvayade se móe primeiro muito bem com agoa clara, e depois de enxuto se móe a oleo de nozes. As Cinzas se usão com o mesmo oleo, e para boas se hão de lavar primeiro, como diremos na iluminação, aonde se ha de ensinar a lavar as côres.

*As*



*As mesclas das côres como se fazem.*

Primeiramente, o Rosado se faz de Alvayade, e Lacra. O Pombinho se faz de Alvayade, Lacra, e Cinzas, e na paleta se vay fazendo á vontade. A Purpura se faz deste Pombinho, e depois lhe misturão mais Cinzas. Dos Verdes já fica dito. O Encarnado se faz de Alvayade, e huma ponta de Vermelhão. Os Encarnados rusticos se fazem com Alvayade, Zarquão, e huma ponta de Sombra de Cintra. O Pardo se faz de Ocre claro, e Sombra de Cintra. Todas estas côres serão concertadas na paleta á vontade do que as lavra.

*Sombras para os rostos.*

Osso queimado, e moído com agoa, e depois de secco moído a oleo he sombra para rostos mimosos. Também para rostos animosos se faz sombra com Cinzas, e a mesma Encarnação. Também se faz outra sombra com Ocre claro, e Preto de Flandes.

Tam-



Tambem Verdacho faz muito boa sombra. Para os rostos rusticos Sombra de Cintra com a Encarnação, que já fica dita acima. Tambem o Preto Lapis com a Encarnação faz humna sombra graciosa para rostos amimosos.

*Para fazer oleo graxo.*

O oleo graxo serve para polimento, e para mordente, e se faz-se assim: Ponde o oleo ao Sol até que engrosse, e faça fiol como mel, e logo então está o graxo, porque o ser graxo não he outra cousa senão engrossar-se. Para se fazer com brevidade, tome o oleo, e ponde-o ao Sol em vasos pequenos, para que, sendo pouca quantidade, mais depressa o penetre o Sol, e antes de o pôr lhe botai dez ou onze roeimpó, ou hum pequeno de Zarcão moído, e logo se faz graxo, e ao tirar não venha misturado o Zarcão, senão o oleo limpo, e assim o usai no polimento.

Como



*Como se faz o polimento.*

Tomai o Alvayade muito bem moído com agoa, e depois de enxuto o moei com oleo graxo muito bem moído, e logo na pedra podeis fazer o Encarnado como vos parecer. Tereis a figura apparelhada como se costuma, digo engefiada, polida, e imprimada, e os Encarnados dados com Encarnação leve, para que depois assente bem o polimento. E quando assentares o polimento, que ficará sobre o grosso como massa, o assentai com huma brocha assim rudemente, depois para o polir tereis huma tês de couro de luva muito delgado de molho em agoa, e fazendo-o a modo de dedo de luva, no mesmo dedo ireis estendendo a tinta, ou polimento, e assim o ireis polindo, e quando o couro pegar, molhai com cuspinho levemente, e com o mesmo oleo tereis moído o Vermelhão com huma ponta de Lacra para dar nas faces, e na boca: mas adverti que sempre o beijo de cima ha de ser mais

ver-



vermelho. Depois abri os olhos ao pinzel, e as sobancelhas.

*Para purificar oleo de Linhaça para o Alvayade, e Azuis.*

Tomai oleo de Linhaça, e pela manhã lhe dai hum olho de Sol, e logo lhe botai hum pequeno de Alvayade moído, e deixai-o assim estar até o outro dia, e então o usai. De outro modo. Tomai hum vaso, que seja furado por baixo com hum torno delicado, que se possa tapar, e destapar, botai-lhe o oleo com agoa da fonte, e batei isto muito bem, e deixai assentando o oleo, que fique por cima como azeite, e depois levemente tirai o torno que faya a agoa, e tanto que começar a fahir o oleo, fechai; e isto fazei tres, ou quatro vezes, e ficará o oleo muito purificado, e que se possa usar muito bem. Quando quizeres fazer Alvayade, que se possa usar como com oleo de nozes, moei o Alvayade na pedra muito bem com agoa, e depois lhe botai o oleo de Linhaça, e vereis que



que indo moendo, a agoa se vay fahindo para fóra, e fica o Alvayade só com o oleo, que parece purificado.

*Modo de regraxar.*

O que quizeres regraxar fareis primeiro com branco, e preto, mas os altos sejam bem brancos, e os pretos bem pretos. Depois de enxuto, e secco, tomai o Verde de muito bem peneirado, e moído no oleo, e podeis regraxar de este modo: Tomai hum panno de linho muito brando, e ponde-lhe hum pequeno de algodão, e depois fazei hum modo de pinzel, de forte que fique o algodão de dentro do panno, e que não roce a pintura, e assim ide estendendo o Verde, e logo vereis os claros em Verde claro, e os escuros em Verde escuro. O mesmo se faz tambem com a Lacra. Mas adverti, que leve seu seccante, para que enxugue depressa. Podeis tambem assentar a tinta ao pinzel, que seja algum tanto rala, e depois com huma brocha grande



grande folver tudo muito bem, que fique bem unido.

*Modo de fazer Cambiantes.*

Os Cambiantes se fazem de muitos modos. Hum delles he fazer os altos de Maficote, e a meya tinta de Rosado, e os escuros de Laca. D'outro modo: Os altos de Rosado, e a meya tinta de Purpura clara, e os escuros de Purpura escura. Outro modo: Os altos de Rosado, e a meya tinta de Verde claro, e os escuros de Verde escuro; e assim se podem fazer quantos quizerem com duas tintas, a mais clara nos altos, e a mais escura fazê-la clara para meya tinta, e deixar essa mesma escura para os escuros.

*Azul Ultramarino como se lava.*

O Azul Ultramarino, como he tão caro, não se usa muito, e por tanto se não sabe o uso delle tão facilmente. Quem o quizer usar ha de lavar primeiro as roupas, ou o que quizer com Azuis de Castella, e Cinzas, e de-



e depois de enxuto ha de lavar por cima o Ultramarino, **que**, como he muito delgado, se se usa só não cobre bem, porque não tem **corpo**.

*Como se faz Mordente para dourar.*

Tomai as côres baixas, que quizeres, muito bem moídas a oleo, e depois tomai em huma colher, ou pucaro, o oleo conforme á quantidade que quereis fazer, e botando dentro as tintas muito bem moídas, poreis ao fogo o pucaro até que se coza bem, e se lhe botares hum pequeno de Vernis tanto melhor, depois o guardai, que quanto mais velho melhor he. Tambem se faz das sombras das tintas da paleta, e daquellas pelles fervidas em oleo, e coado por hum panno grosso. Quando tratarmos dos modos de dourar, lá trataremos como se põem o Mordente, e aonde.

*Para perfilar.*

Depois de teres debuxado o que quercis, costuma-se a perfilar, principalmente



palmente os Encarnados com sombra ,  
e huma migalha de Preto , e outra de  
Lacra , ou Cochonilha.

Quando se houver de fazer algum  
passamane , que pareça de ouro , se  
perfilará primeiro todo o debuxo com  
Almagra , e Zarquão , e depois de en-  
xuto , o retocarão com Masiquote dou-  
rado nos altos , e aonde dá a luz.

Para fazer hum véo branco , que  
cubra cabellos, ou o que quizerem, de-  
pois da figura enxuta a banhai com  
oleo , e alimpai brandamente, depois  
ide perfilando o véo com branco , e  
com hum pincel secco ide solvendo ,  
e aonde for necessario retocar com  
mais branco , se póde logo retocar.

### PINTURA A' TEMPERA.

**A** Pintura á tempera não se diffe-  
rença da Pintura de oleo mais,  
que em ser a cóla , e em algumas côres  
que se não usão a oleo , como he Ver-  
de bexiga , e outro Verde escuro de  
Anil , e Jalde , e ainda o Montanha.

E

Diffe-



Diferença-se também no apparelho, porque não leva imprimadura, e para que se veja o modo de usar as côres, ponhamos o apparelho, que se costuma usar.

*Como se apparelha o panno, ou madeira.*

Tomai o panno, e pregai-o em huma grade muito bem estirado, depois lhe dai huma mão de cóla, não forte, nem muito branda, senão que cubra de algum modo: e se levar hum pequeno de Alvayade, como lavadura, ou agoarella, ficará melhor, logo debuxai, e colori com as côres que quizeres. A madeira se concerta, nem mais nem menos, assim como disse-mos para pintar a oleo, senão que não leva imprimadura, senão sobre o branco se debuxa; e quando colorires o panno adverti que, se depois de enxuto for necessário realçar, para o panno tomar bem a côr, que lhe tornais a pôr, que o molheis levemente pelas costas, que então se une huma côr



côr com a outra muito bem : assim como tambem quando pintais a oleo, e quereis pôr alguma côr, que fique melhor, haveis de esfregar a parte, que quereis realçar, com hum pequeno de oleo, porque tambem assim fica unido.

*Modo, que se ha de guardar no campir do painel.*

Primeiramente depois de coloridas as figuras, que houverem de estar no painel, se começarão os pertos, logo os longes, e logo o Orizonte, e os Ceos. Nesta fórmula: O primeiro monte, que são os pertos, se costumão a fazer com Branco, e Ocre, escurecidos com Roxo, ou Sombra de Cintra, os fortes mais escuros com Sombra de Offo, os altos se podem realçar com Masiquote, misturado com Branco aonde dá a luz. As Cidades, Encarnadas, realçadas com Branco, aonde dá a luz, escurecidas com Preto, ou Pardo, e Roxo, misturado tudo. O segundo monte ferá de Verde claro, escurecido com Verde mais es-



curo, ou com Purpura; que he a Sinopera misturada com Azul, e Branco. As arvores do segundo monte serão Azuis, os realços Verde claro. As casas de Purpura clara, escurecidas com outra mais escura. As janellas, e portas de Purpura bem escura.

O terceiro monte será de Azul, e Branco, realçado com algum Verde bem claro, escurecido com Purpura clara; as arvores serão de Azul, e Branco muito claras, e assim hão de ser as casas bem realçadas com Branco.

Nos Ceos será o Orizonte de Maficote, e Branco, ou com Sinopera, e Branco bem claro, logo Azul claro, tudo banhado como que nasce do Orizonte, logo outro Azul mais escuro, que nasça hum do outro. E as nuvens serão de Branco, e com Purpura escurecidas. Isto he o mais commum, agora fica ao alvedrio do Pintor pintar as nuvens, e tudo o mais, como melhor lhe parecer.

As arvores do primeiro monte se hão de metter primeiro de Preto escuro,



ro, e logo suas folhas escuras pela banda de fóra com Verde, e Sombra de Offo, outras folhas seccas de Machim por fóra com Roxo Almagra. Depois desta arvore secca, será banhada toda com Verde, e logo lhe farão humas manchas nos altos com Verde, e Branco, e emcima deste Verde, e Branco vão abrindo as folhas com Branco, ou Maficote, ou com outro Verde, e Branco mais claro. E isto he o cômum.

*Modo de colorir em commum.*

A ordem, que se guarda, ordinariamente he esta: As Encarnações, Branco com humas ponta de Vermelho, e outra de Lacra; as Sombras á mesma Encarnação, com qualquer das Sombras, que já ficão ditas em seu lugar, e aonde houver de ser escuro, a mesma Sombra serve, ao alvedrio do Pintor. As Encarnações robustas Zarquão, e Branco, ou Roxo, e Branco, as Sombras todas são humas. Os cabellos, Machim, e Branco, escurecidos com Sombra de Offo, e Si-



e Sinopera, realçados com a mesma Encarnação, ou também Pretos, e realçados com a mesma Encarnação, ou de Sombra, ou de Ocre escuro, conforme á figura que se pintar; porque os cabellos huns são mais dourados, outros menos, outros pardos, &c.

As roupas Vermelhas, Branco, e Sinopera escurecidas com Sinopera tal, os mais escuros com Sinopera, e Sombra de Offo, tudo misturado. As roupas Azuis com Cinzas, e Branco os claros, e escurecidos com Azul, e os mais escuros com Purpura tal. As roupas Amarellas, os claros com Maficote, e Branco, escurecidas com Rosado, e os mais escuros com Lacra tal, como se vio já na annotação dos Cambiantes. A cóla, com que se usarem estas côres, não seja muito forte, nem também tão fraca, que tudo se despegue, senão em meyo. E este modo de colorir serve também para todo o modo de pintura.



**PINTURA A FRESCO.**

**A** Pintura a Fresco não se differença dos outros modos mais, que em não se usarem nella todas as côres, e mais no modo de as assentar. As côres, que nella se usão, são Ocre claro, e Ocre escuro, Sombra de Cintra, Terra Roxa, Almagra, Pretos ordinarios de Lapis, Esmaltes, Verde Montanha, Verdacho; desôrte que se não usão mais que as côres, que são de terra, ou de arêa, ou vidro; mas as compostas não. Todas estas côres ao assentar não levão cóla, nem gomma, nem alguma liga, sómente a cal sobre que se assenta, isto se entende nas tintas, que não vão aclaradas, senão assim como se móem; porque quando vão aclaradas, serve então a mesma cal muito bem moída, e se usa della como se fora Alvayade, e ella he a mesma liga: e que cal seja esta, que serve, se dirá logo abaixo, em seu lugar. O Esmalte, quando vay só, e o Verde Monta-



Montanha , concertão-se com leite de cabras , ou outro qualquer ; e se vão aclarados levão cal , e não tem necessidade então de leite.

A pintura se faz em acabando logo de guarnecer a parede em fresco : e as côres se assentão muitas vezes , até que fartem bem a cal. E notai , que se não ha de guarnecer a parede mais , que aquillo que podeis pintar antes que ella se seque , e se não puderes pintar tudo o que está guarnecido , e se ha de seccar , haveis de botar abaixo tudo o que se não puder pintar em fresco , e depois torná-lo a guarnecer , quando houver tempo para acabar a pintura.

Os Encarnados fazem-se da mesma cal , e Almagra , ou Terra Roxa. O Roxo se faz de Esfmalte , e Terra Roxa. A côr do Maficote se faz de Ocre claro , e a mesma cal , e assim todas as mesclas , que se costumão nas outras pinturas. A cal , que servir por Alvayade , ha de ser moída. O debuxo ha-se primeiro de fazer em hum papel



pel do tamanho do painel, e então se ha de picar, para se estrezir, que se faça a pintura mais certa, e com mais brevidade. Os pinceis hão de ser de fedas compridas, e pouco atadas, para que não desflorem a cal: e para as coufas mais delicadas se usão os outros communs.

A cal da pintura a fresco ha de ser velha de dous, ou tres annos, ou mais; e ha de estar todo este tempo sempre em agoa, como se faz á que serve no estuque. E ha de levar arêa de rio, ou de agoa doce, peneirada. E a agoa com que se amassar ha de ser agoa de fonte, que não seja salobra, nem salgada; e será tanto de cal, como de arêa, ou duas partes de arêa, e huma de cal. A outra cal da primeira guar-nição do embuçar, será da outra cal commua, com arêa, aindaque seja mais grossa, e tambem meada; e depois do embuçar se põem logo a primeira cal, de que fallamos, ao modo de estuque; e se ficar parda algum tanto, ou al-mecegada, assim ficará melhor: aca-bado



bado isto, se põem o papel picado, e se bota o pó de carvão, e pelo debuxo que fica se vay perfilando, e logo pintando: e notai, que he necessario deixar a pintura sobre o escuro, porque logo em se seccando aclara muito.

Tambem costumão fazer a fresco de rascunho em paredes, figuras, e lacarias, e tudo o que querem, como se vê em muitas quintas, e fazem deste modo: Guarnecem a parede de cal com preto, e depois de secca, e feita toda preta, dão-lhe outra mão de cal a colher, ao modo de estuque; e quando se quer ir seccando, ou logo em fresco, vão abrindo o debuxo com hum prego, ou estêlo duro, e vão rascunhando o que querem, fazendo com o rascunho amiu-dado os escuros, como quem rascunha, e fica então apparecendo o debuxo em preto do preto, que estava por baixo. As mais lembranças, que pudêra fazer para a Pintura de fresco, com o uso se podem alcançar.

PIN-



## PINTURA DE ILLUMINAC,ÃO.

**A** Pintura de Illuminação se faz em pergaminho, e o melhor he o de Flandes respanfado, que o de Castella não he bom. Nella se guarda a mesma ordem, que temos dito da Pintura á Tempera, tirado, que nos Encarnados, nos altos delles, ha de ficar o pergaminho tal, e aquelle mesmo Branco; porque de tal modo se vay apalpando com a Lacra, e Sombra, que sempre o pergaminho fique servindo com a sua mesma côr.

*Nomes das tintas, que servem para a Illuminação.*

As tintas, que servem, e são melhores, são as seguintes: Branco Genuisco, he o melhor; Vermelhão, o de fevera mais comprida, he o melhor; Verde Terra, o da côr mais formosa, he o melhor, e seja bem delgado; Verde Montanha, he hum Verde azulado, mais delgado que o Verde



de Terra ; Azul de Cabeça ; Cinzas, também Azul ; Ocre claro ; Lacra ; Verde Bexiga ; Ocre escuro ; Catafol ; Anil, o de tavoleta he o melhor ; Brasil ; Jenolim, ou Maficote, o de paens, he o melhor ; Bollo Armenico ; Zarquão, em torroens, he o melhor ; Ferrugem ; Maquim ; Sinopera ; Carmim.

*Modo como se lavão as tintas.*

As tintas, que se lavão, e apurão sem se moer, são estas : Cinzas, Maficote, Alvayade, Zarquão, Tamarão, Gomina Arabica de molho, e espezza como mel, e tomarão as tintas huma por huma, e em huma altamia, ou qualquer tigela vidrada, e com o dedo pollegar moerão a côr muito bem com esta gomina. E depois lançar-lhe-hão agoa clara pouca, e pouca, e irão desfazendo a gomina até ser muito solta. Depois, em quanto se diz hum Credo, a deixem assentar, e logo vazem a agoa em outra porcelana, e deixem-a estar hum quarto, logo a vazarão em outra, a qual estará compondo-se huma noite



noite toda: e note-se, que o pé destas tintas, he o que serve, tirado do Branco, Maficote, e Zarquão, que não prestão mais, que para Pintores. Depois tomai estas porcelanas, e tirai-lhe levemente as côres, e guardai-as; porque humas são mais claras, e outras mais escuras.

As côres, que se móem, lavão, e apurão, são estas: Azul de Cabeça, Vermelhão, Verde Terra. Depois de moídas se lavão, como já disse das outras; mas sejam muito bem moídas na pedra.

As côres, que se móem com agoa de gomma sem mais purificação, são: Ocre claro, Anil, Bollo Armenico, Ferrugem peneirada, e bem secca.

Ocre escuro, Lacra, Sinopera, se móem tambem com gomma, e depois lhe lanção hum pouca de agoa, com hum dedo de mel, pouca coufa, ou açúcar cándi.

O Machim te-lo-hão primeiro de molho em ourina de inoço virgem, ou çumo de lima, e com ella o moe-  
rão



rão em lugar de agoa, e com gomme se usará. Verde Bexiga com agoa tal se contenta.

*Como se fazem as mesclas das côres.*

As mesclas se fazem assim: O Rosado com Lacra, e Branco, e conforme a mistura que se fizer, assim ficará claro, ou escuro. Pombinho, se faz assim: Tomai Lacra, Branco, e Cinzas, e ide compondo o Pombinho. A Purpura se faz deste Pombinho, como fica dito, e lhe lançarão das Cinzas mais azuladas, e hum pouco de Brasil. Verde Terra, se mistura com Verde Bexiga, e faz huma côr escura, serve para campos de letras. E misturado o Verde Terra com Maficote, faz hum Verde gracioso. Tambem Verde Terra com Machim faz outro Verde gracioso.

As mesclas das molduras são diferentes, tomai Ocre claro com Zarquão, ou Vermelhão, e serve para os claros, e os escuros serão de Lacra, ou Ferrugem, e os realços de ouro.

Outro



Outro modo, Ocre escuro, e Vermelho, com hum pouco de ouro do mais baixo, misturado tudo, e assentado, depois de secco se burnirá com o dente, e se póde assombrar com Laca fina, e realçar com ouro.

Outro modo, Ocre claro com Vermelho, e Ferrugem, e tudo mexido fica huma mescla boa, os riscos serão pretos, e sobre elles outros de ouro, ou prata, ou branco.

*Como se assombrão as côres.*

Toda a côr se assombra com a sua contraria. O Verde Maficote, Machim, se assombrão com Verde Bexiga, ou Laca.

O Azul, Zarquão, Rosado, Ocre claro, se escurece com Laca. Ouro com Ferrugem, ou Ocre escuro. A Prata, ou Branco, se assombra com Anil, ou Ferrugem. A Laca se assombra com Ferrugem, e realça com Branco, Maficote com Azul, ou Anil, ou Verde Bexiga. As Sombras de ouro, ou prata serão Ferrugem, ou Ocre escuro.



Os campos se enchem duas vezes, a primeira vez fraca a côr, e depois forte, e grossa. O campo de ouro será primeiro com Ocre claro, não muito forte, e logo o outro por cima depois da côr enxuta, e depois se burne pondo-lhe hum papel por cima, por se não desflorar.

*Outro modo das sombras, e realços.*

Vermelhão se assombra com Lacra, e se realça com Zarquão. Azul se escurece com Lacra, e se realça com Alvayade. Verde Terra se escurece com Verde Bexiga, e o realço he Alvayade, ou Maficote. Ocre claro se escurece com Ocre escuro, e se realça com ouro. Zarquão se escurece com Lacra, e se realça com Alvayade. O Rosado se escurece com Lacra delgada, e se realça com Alvayade. Maficote he realço do Ocre claro.

*Gomma, como se concerta para illuminar.*

Tomarão a Gomina Arabica (que a ou-



a outra de Ethiopia, que he vermelha, não presta para illuminar ) e pizada hum pouco, a botaráõ em agoa, que a cubra, e estará assim dous dias, depois coar-se-ha por hum panno, e a grossa ferá para moêr as tintas, e a delgada para illuminar.

*Para moer ouro para illuminação.*

Tomaráõ hum pequeno de sal cozido, conforme ao ouro, que se houver de moêr, e moê-lo-hão em huma pedra, muito bem moído, depois lhe irão lançando os paens d'ouro pouco, e pouco, e indo sempre moendo por espaço de huma hora com força. E para saber se está já moído, tomarão hum pequeno, e po-lo-hão na borda da altamia em agoa, e alli quando se desfaz, se vê se está já bem moído. Depois disto, tomarão este ouro todo, e botá-lo-hão em huma porcelana, lavando-o sempre com agoa clara, até que a que deitar não tenha sabor do sal, que se moêo a principio. Depois de muito bem lavado se porá em hu-



ma vieira ao ar do lume a enxugar em brazas, sem fumo, e depois de enxuto use-se com agoa de gomme, e do mesmo modo se faz a prata.

*Para fazer côr Roseta.*

Tomem pão do Brasil, e raspado com hum vidro tomarão as raspaduras, e botá-las-hão em huma panella vidrada, e a huma onça de Brasil botarão seis de vinho branco, e esteja assim de molho vinte e quatro horas, e logo se porá ao fogo, e ferverá até que minguem a terça parte, e tirar-se-ha logo fóra a panella, e lancem-lhe meya onça de pedra hume moída, e para se affinar mais, lancem-lhe meya onça de cal virgem, ou graã em grão, e meya onça de gomme Arabica, e depois de coada se póde usar.

*Para Brasil.*

Tomarão pão do Brasil, que seja doce na lingua, e fá-lo-hão em rachas miudas, e botar-lhe-hão agoa em quantidade, que fique tres dedos coberto



berto o pão, e estará assim de molho hum dia, e huma noite, e depois ferverá até que gaste quasi amétade, e depois de frio lancem o pão a huma parte, que fique a agoa só, na qual botarão huma pequena de gomma Arabica, e huma pequena de agoa ardente, e esteja assim até que a gomma se derreta, mexendo-a cada dia duas, ou tres vezes, e como for derretida, ponha-se outra vez ao fogo brando, e em começando de ferver lhe botem pedra hume bem pizada, pouca, e pouca, até que faça a agoa muito vermelha, e quando já estiver (provando-a na unha) em côr de carmesim, botem-lhe huma pequena de pimenta machucada, e como ferver tire-se do fogo, e coe-se, e guarde-se em hum vidro, e use-se.

*Para Catasol.*

Tomem lirio muito bem pizado, e ponha-se em huma escudéla, e esteja aquella massa assim seis dias, e acabados, deitem-lhe pedra hume, como



quem salga, e esteja assim dous dias, e acabados estes dias, esprema-se, e molhem pannos naquelle çumo, e enxuguem-se ao ar até que fação corpo, e quando quizerem obrar seja com agoa de gomma.

*Para fazer Verde Bexiga.*

Tomarão as sementes dos espargos em Settembro, as quaes tem muita semelhança com a manjarona, e esta semente será muito bem machucada, e depois tomarão pedra hume, e huma pouca de ourina de carneiro, e espremido tudo isto assim junto por hum panno, lançarão o çumo em huma bexiga de carneiro, e pôr-se-ha ao fumo até que todo este çumo se secce, e faça hum corpo, e depois cortai a bexiga, e tirai o verde, e usai-o. Outro se faz de arruda, e herva moura pizada, e o çumo botado com fel de cabrito em huma bexiga ao fumo.

*Para fazer Verde Lirio.*

Colhem-se as flores do Lirio até chegar



chegar ao amarello, e machucadas em hum gral, lhe porão huma pequena de pedra hume, quanto seja huma casca de noz, e tudo isto assim será pizado, e depois espremido por hum panno. E neste licor botai pannos, e os tornai a enxugar muitas vezes para podouros, e este Verde se usa sobre o Verde Bexiga, e faz mistura tambem com o Verde Terra.

*Vermelhão, como se concerta, e faz.*

Vermelhão he pedra, que se acha em mineraes. Mas o ordinario he feito por artificio, com enxofre, azougue, e fogo. Toma-se hum pucaro novo, e nelle se bota o enxofre, e o azougue, partes iguaes, e depois se barra muito bem, que não faya o bafo fóra, e posto ao fogo até que se encorpore huma couza com outra por espaço de cinco, ou seis horas.

Concerta-se assim: Tomem o Vermelhão, e muito moído com agoa o deixem seccar, e lancem-lhe huma fevera de açafração, e quando o quizerem  
usar



usar tomem o que quizerem, e desfazão-no com agoa de gommã, e com leite de figueira. E se for para rabiscar, lavem-no como o Azul, e temperem-no com gommã, e leite de figueira; e quando não quizer correr, deitem-lhe vinho branco, ou vinagre, ou hum pouco de mel, e quando fizer escuma botem-lhe huma pequena de cera da orelha.

De outro modo se faz: Tomarão a clara do ovo em huma tigéla vidrada, e esteja até que se seque, e depois de secca se desfaca com agoa limpa, e botem-na no Vermelhão moído, e use-se.

*Gomma para o Azul.*

Tomarão hum quartilho de vinho branco em huma vasilha vidrada, e lançar-lhe-hão duas onças de gommã Arabica, e logo se cozerá pouco, e pouco, até que mingue de quatro partes huma, e depois coar-se-ha, e quando quizerem usar o Azul, usarão desta agoa para o desfazer.

*Como*



*Como se destempera o Azul.*

Tomaráõ o Azul em pó, e deita-lo-hão em huma concha com quantidade de agoa, que se amasse, e tomem agoa gommada, que não seja muito fraca, nem muito forte, e lancem-na no Azul pouca, e pouca, e dahi a hum pedaço podem lavar com elle.

*Verdete, como se faz, e se usa.*

Laguna interprete de Dioscorides ensina a fazer Verdete, a que chama raspado, nesta fôrma: Tomai huma vasilha de vinagre muito forte, e ponde-lhe na boca (que não chegue ao vinagre) humas laminas de cobre, e tapai logo a panella, que não fique por onde respirar, e deixai-a estar dez dias, depois tirai as laminas, e raspai o Verdete, e tornai a fazer o mesmo. Outros tomão as limaduras do cobre, e com vinagre bem forte, e tapão a panella muito bem sem respirar, e a põem ao Sol no Estio, e no Inverno sobre



sobre fornos , até que se componha huma coufa , e outra.

Piamontez o ensina a fazer deste modo : Tomarão vinagre forte , e de laminas de arame limpo de todo o pó , e ferrugem , oito onças ; de sal commun , quatro onças ; de rasura de vinho tinto , duas onças ; de sal Armenico , meya onça ; e tres onças de agoa forte , e destemperada com o vinagre , e estarão as outras coufas todas em pó , o vinagre seja sem medida , e quanto mais quanto melhor , porque se fica , sempre he bom. Tudo isto porão em hum panella vidrada , e tapá-lahão muito bem , e barrada , que não respíre. Depois ponde-a debaixo do esterco por quinze dias , depois tirai-a , e esbarrai-a , e tirai-lhe o vinagre pouco , e pouco ; tomai então o Verdete , que fica em hum caixa de páo , e tapando-a muito bem a tornai a pôr debaixo do esterco por oito dias , e então o tirai , e o usareis deste modo.

Tomai o Verdete , e desfazei-o com cumo de limão , deitai-lhe hum  
ma



ma fevera de acafrão , e ufai delle.

D'outro modo : Tomai o Verde-  
te , e botai-o em cumo de limão por  
oito dias , e botai-lhe huma migalha  
de gomma , e depois ufai delle , que  
fica muito bom. Os mais modos já  
se differão na pintura de oleo.

*Como se faz o Alvayade.*

O mesmo Laguna ensinando como  
se faz o Alvayade , a que chama Ce-  
rufa , diz que se faz , nem mais nem  
menos , como dissemos do Verdete ,  
na sua annotação primeira , senão que  
as laminas hão de fer de chumbo. E  
depois dos dez dias se destapa a vasilha,  
e se tira o vinagre limpo , e o pé que  
fica , que he o Alvayade , se móe na  
pedra depois de secco , e se peneira ,  
e o que sahe primeiro he o melhor , de-  
pois se compõem em paens com vina-  
gre , e tudo muito bem moído se sec-  
cará ao Sol ; o chumbo , que se não  
acabou de consumir , se torna outra vez  
ao vinagre.

*Como*



*Como se faz o Zarquão.*

O Zarquão diz o mesmo Laguna que se faz assim: Tomai humas laminas de chumbo muito delgadas, e ponde-as em humã panella nova, humã cama de laminas, e outra de enxofre moído, e assim continuando até encher a panella, e logo pô-la ao fogo, meneando tudo com humã vara de ferro; mas tende os narizes tapados, porque he o vapor muito danoso. Outros em lugar de enxofre põem Alvayade, e tapão a vasilha muito bem, e só lhe deixão hum buraco pequeno, por onde respire, e a põem no forno, (e isto he o melhor) até que se queime muito bem.

*Para assentar ouro em seda, papel, ou pergaminho.*

Tomarão clara de ovo bem quebrada, de cinco, ou seis dias, que seja bem podre, e Bolo Armenico, e guis mate; convém a saber, tres partes de guis, ou gesso, e o Bolo seja



seja quanto lhe dê huma pequena de  
côr, e partido assim, deitem-no na pe-  
dra, e depois de muito bem moído  
com a clara, que lhe sirão botando  
pouco, e pouco, lhe lancem junta-  
mente hum pequeno de açúcar cándi,  
ou huma gotta de mel, e huma pe-  
quena de cera da orelha. E advirtão,  
que não seja muito basto, nem muito  
falo, senão em meyo, e com esta  
tinta fação as letras, e depois de en-  
xutas bafejem-lhe, e ponhão-lhe o  
ouro, e burnão logo.

Outro modo para feda: Tomai  
alguma tinta concertada a tempera, e  
com ella lavrai as letras na feda, e de-  
pois de enxutas, ponde o mordente  
pelos mesmos riscos já escritos a tem-  
pera, e como estiver em fação po-  
deis dourar. E notai, que não sayais  
com o mordente fóra do que está es-  
crito, porque logo repassa.

Outro modo: Tomai leite do pé  
de figueira em huma concha, e deitai-  
lhe huma fevera de açafraão, desfazen-  
do-o no leite, e com elle escrevei, e  
depois



depois de enxuto bafejai-lhe, e assentai o ouro, e alimpai com algodão. Outro modo: Tomai gesso mate tres partes, e huma de Bolo Armenico, e gomma Arabica, e depois de tudo incorporado, escrevei, e estando rezente para secco assentai o ouro, e burni.

*Para assentar ouro em pedra, pão, vidro, e couro.*

Para assentar ouro em pedra, se ha de guardar a ordem seguinte: Primeiramente se ha de imprimir, e depois de secca a imprimadura se lhe ha de pôr o mordente, e como estiver em fazão, dourar; mas deste modo, com a humidade da pedra, nos dias de chuva não tem lustro o ouro, e para que a humidade o não penetre, se fará deste modo: Depois de imprimada a pedra, e posto o mordente, lhe assentai folhas de estanho ao modo de quando dourais, e depois de assim estanhada, lhe ponde outra vez outra imprimadura, e outro mordente, e podeis



podeis dourar, que então fica o dourado com lustro, e fóra de humidade; e depois se quizeres perfilar alguma cousa sobre o ouro, perfilai com Ocre escuro, ou com Sombra.

O páo se doura de dous modos: a hum delles chamão Ouro mate, como he o que fica acima dito, que assim serve tam bem no páo como na pedra, e o outro se chama Ouro burnido. O Ouro mate se assenta sobre o páo apparelhado, como dizemos na pintura, até ser imprimada, e depois se lhe põem o mordente; e quando está já quasi secco se lhe assenta o ouro com algodão. E se quizeres fazer hum ouro muito formoso, que pareça ouro burnido, fazei que o mordente seja polimento de Ocre claro, ou escuro, e depois de estar muito polido, e liso, (que nisto está sahir o ouro bom) depois de enxuto lhe assentai o ouro, que ficará muito formoso, e tão bom como se fora burnido.

O ouro burnido se faz assim: Depois



pois de estar o páo encolado, lhe dai  
huma mão de gesso commum, e seja  
ao modo de lavadura delgado, e se  
na cóla lhe botares huma cabeça de  
alhos, ferve para que não salte; de-  
pois lhe dai tres, ou quatro mãos de  
gesso mate, o qual se faz assim: To-  
ma-se o gesso commum, e depois  
de moído, e peneirado, se bota em  
huma panella cheya de agoa clara, e  
cada dia se lhe muda, e se bate duas,  
ou tres vezes, e aos dez dias fica ges-  
so mate, então o tirai, e seccai, e  
usai delle. Depois de dares estas  
mãos, que digo, lhe dareis duas de  
Bolo commum, e depois outras duas  
de Bolo fino, e sejam todas estas mãos  
dadas com cóla quente; depois de en-  
xuto, quando quereis dourar, molha-  
reis muito bem, e sobre o molhado  
com agoa clara assentai o ouro; e de-  
pois de secco burni com o burnidor,  
que se faz de pederneira muito liso,  
e ficará o ouro muito formoso. Pa-  
ra se dourar o caderno de hum livro  
se ha de guardar esta ordem: Toma-  
rão



rão huma clara de ovo, e botar-lhe-  
hãõ huma gotta de agoa, e depois ba-  
terão tanto esta clara, até que se faça  
em escuma, depois a agoa que sahir  
desta escuma he a que ferve. Com  
esta agoa cobrirão tudo o que se hou-  
ver de dourar, e depois de enxuta se  
lhe porá por cima hum toque de azei-  
te, e logo o ouro por cima; depois  
com o ferro quente em fórma, que  
possa aquentar a clara do ovo, que  
já está secca, e depois de impressos  
os labores, que quizeres, alimpai com  
algodão, e só ficará o ouro aonde car-  
regastes com o ferro. Isto se póde fa-  
zer tambem em borzeguins, e em ça-  
patos, e em todo o couro que qui-  
zeres.

E se quizeres dourar as folhas do  
livro, guardai esta ordem: Tomai o  
livro, e ponde-o na emprensa mui-  
to bem apertado, depois o raspai  
com huma faca muito bem, depois  
de bem cortado, e logo depois de  
raspado o burni, e acabado de bur-  
nir lhe dai huma mão com a clara de

ovo



ovo, como fica dito, e estando a clara ainda fresca, tomai hum pequeno de Bolo Armenico moído, e com o dedo o ide pondo sobre a clara, e esfregando até que as folhas fiquem da côr do Bolo Armenico. Depois de enxuto lhe tornai a dar com a clara outra mão, e estando em fazão, e quasi enxuta, lhe ponde o ouro, e depois de enxuto burni com o dente, e lhe imprimi com o ferro os labores que quizeres.

E se quizeres fazer as folhas de ouro sobre côres, guardai esta ordem: Tomai a mesma clara, e com ella concertai o Verde, ou Azul. O Verde seja montanha, ou o que se faz de Anil, e Jalde, e o Azul, ou Alvaya-de, e Anil, ou de Orchilha, e depois de enxuto o burni muito bem: tornai-lhe a dar logo com outra mão da clara de ovo, como fica dito, e tanto que estiver enxuta, lhe ponde o ouro, e logo com o ferro quente ide lavrando, e só ficará o ouro aonde o ferro imprimir, e alimpai com o algodão.  
Para



Para dourar o vidro se ha de fazer o mordente liquido, que corra pela paleta, e ha de ser de Ocre escuro, para bom, ou dourado. E com elle lavrai no vidro o que quizeres; depois de resente para secco lhe assentai o ouro, e como o ouro pegar em todo o vidro, com o mesmo algodão tocado no cuspinho alimpai, e ficará só o ouro pegado no mordente.

Para dourar huma rodéla, ou bandeja ao modo da China, notai, que se ha de apparellhar, como dissemos da outra madeira; e depois da imprimadura lhe dareis a côr que quizeres a oleo tambem, ou preta, ou vermelha, &c. Depois de muito bem enxuta, que não pegue nella ouro, debuxai com o mordente, de que tratamos no dourar do vidro; e depois que estiver em fazão assentai o ouro, e depois de dourado, e muito bem enxuto envernizai toda a rodéla, ou taboleiro com vernês de espique, que he muito seccante; e depois póde-se

G

lavar



lavar com agoa quando estiver cuja ,  
porque se não desflora couza alguma.

*Para estofar huma figura.*

O estofo de figuras , ou de roupas ,  
ou tudo o que quizerem estofar , não  
se faz senão sobre ouro burnido , e  
guarda-se esta ordem : Primeiramen-  
te , sobre o ouro , que quereis estofar ,  
haveis de dar huma mão , ou duas de  
Alvayade , concertado com gemma de  
ovo , o qual se concerta assim : To-  
mai a gemma sem clara , e botai-lhe  
huma ponta de agoa , e depois batei-a  
muito bem , e com esta composição  
haveis de concertar as côres , como se  
fora cóla , ou gomme. Depois de da-  
das estas mãos de Alvayade , que fi-  
que a figura muito alva , ide então  
colorindo o damasco , ou téla , ou ra-  
mos , ou passarinhos , ou o que qui-  
zeres , que então servem aqui as cô-  
res da iluminação com esta compozi-  
ção da gemma de ovo , e servem os  
realços todos ; depois de tudo lavra-  
do ao pinzel , e enxuto , ide então ris-  
cando ,



cando, e abrindo a pintura com hum  
estilo de páo, ou de prata, ou hum  
ponteiro duro, do que quizeres, e  
ficareis descobrindo o ouro, aonde vos  
parecer bem, e para se fazerem huns  
alcachofres, como tem o brocado,  
fazei hum ferro, como punção, em  
que esteja aberto o modo, que me-  
lhor vos parecer, e com elle punçai.  
E quando o ouro não tomar bem a  
côr do Alvayade primeira, misturai-  
lhe huma ponta de fel.

*Para fazer hum painel com tres fi-  
guras, que huma só appareça  
à vista.*

Para se fazer hum painel de tres  
figuras, que cada qual se veja por si,  
e não todas juntas, se fará assim: Fa-  
zei huma grade, do tamanho que que-  
reis o painel, e na regra do alto da  
cabeça, e na debaixo dos pés haveis  
de dar humas ferraduras com huma  
ferra delgada, até quanto seja o com-  
primento de huma unha, e quanto ti-  
ver de altura a ferradura, tanto ha de



ter de largura de huma a outra, e assim irão ferrando estas duas regras igualmente; depois de ferradas, assentareis nas costas da grade hum painel, que já estará feito, nem mais, nem menos, como se a grade fora feita só para elle.

Depois tereis já dous paineis pintados do tamanho da grade, os quaes fareis em tiras da largura das ferraduras, e grudareis estas tiras de hum painel com as do outro painel, por esta ordem, que a primeira deste se grudará com a derradeira do outro, com as costas hum para outro, e logo a segunda com a antepenultima; e logo as ide assentando, começando na primeira ferradura da mão esquerda do painel; e assim quando por esta ordem as fores grudando, e assentando, quando puzeres o painel na parede, vereis a figura fronteira, sem que vejais as outras; e depois quando vos puzeres da ilharga esquerda vereis outro sómente, e da ilharga direita outra sómente. E se quizeres fazer isto  
mais

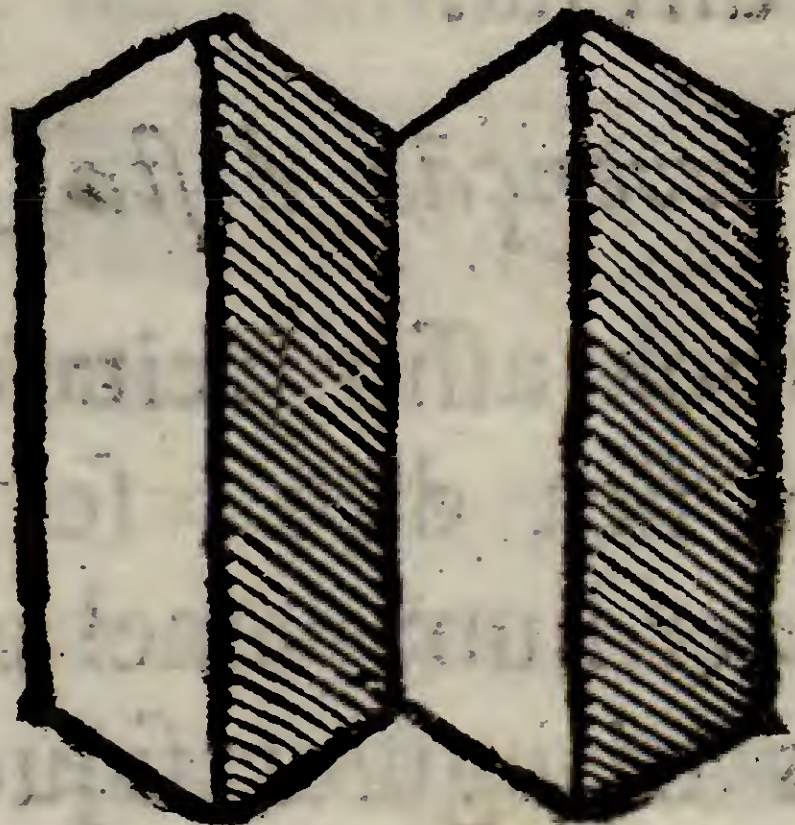


mais facilmente, tomai humas tabo-  
letas de faya, donde fazem as bainhas  
de espadas, e estas ordenadas como  
painel, pintai nellas; e depois as virai  
humas, e humas, e nas costas pintai  
a outra figura; e depois as encaixi-  
lhai nas ferraduras, como fica dito.

*Para fazer hum painel, do mesma  
modo, com duas figuras.*

Tomai humas taboas, e nella man-  
dai fazer o painel, do tamanho que  
quizeres, e seja grossa, para que nel-  
la se possam abrir huns canaes, que  
venhão os altos a ser como as duas  
faces de triangulo direito, e que vão  
todos iguaes, tão largos huns, como  
os outros, como se vê neste

*EXEMPLO.*



Te-



Tereis então já pintados os dous paineis, e cortá-los-heis tambem em tiras tão largas, como he huma da banda dos canaes, ou triangulos, e por ordem ireis assentando a primeira tira de hum painel na primeira face do triangulo, e logo no segundo a segunda, e assim as outras do primeiro painel. Depois tomai as outras tiras do outro painel, e ponde a derradeira nas costas do triangulo, adonde puzestes a outra primeira, e logo a penultima ponde-a nas costas do triangulo, adonde puzestes a segunda tira do primeiro painel, e assim ide pondo as outras por esta mesma ordem, e ficareis então fazendo hum painel, que tenha duas figuras, huma, que se veja da ilharga esquerda, e a outra da ilharga direita.

*Outra invenção destas figuras.*

Esta taboa assim feita em triangulos, como fica dito, se desta sorte quizeres fazer hum painel curioso, fareis que os triangulos fiquem atravessados



fados da mão esquerda para a direita, e assim lhe poreis as figuras, nem mais, nem menos, como fica dito no painel de duas figuras. Mas a figura de cima lhe poreis os pés para cima, e a cabeça para baixo; depois ponde hum espelho por cima, ao modo de guarda pó, e ponde o retablo em lugar de altura boa de hum homem, vereis huma figura fronteira, e a outra figura ficar-se-ha vendo no espelho. E se lhe puzeres cortina quando tiveres coberto o retablo, tambem não vereis cousa alguma no espelho; e quando o descobrires, então vereis a do espelho, e a outra fronteira.

*Outra invenção destas figuras.*

Daniel Barbaro ensina a fazer huma figura, de modo que vista a mesma figura de huma ilharga pareça outra cousa differente, do que parece de frente. E diz assim na sua *quinta parte cap. 1. e 2.* de sua Perspectiva: Tomai huma folha de papel, na qual debuxareis duas cabeças humanas, ou  
o que



o que quizeres, depois picai estas figuras, que debuxastes, com hum alfinete grosso, que fiquem os buracos grandes; depois tomai a taboa aparelhada, aonde quereis pintar as mesmas duas cabeças humanas, a qual estará muito plana, e polida; tomai depois o papel, que está picado, e ponde-o sobre a cabeça da taboa, que fique o papel justo com os cantos da taboa, como se ella fora huma parede, e o papel que fosse taboa, que fique em esquadria perfeita; depois de teres isto assim feito, endireitai a taboa com o fio, ou talho ao Sol, segundo sua altura, até que passando os rayos pelos pontos picados do papel, que são como entrevistas, se veja na taboa, que os rayos do Sol escrevem as ditas cabeças humanas; e assim como as riscas apparecerem, assim as debuxareis, as quaes serão largas, e estreitas, em forma, que pondo-vos a huma parte da taboa, não vos parecerão cabeças, mas humas linhas direitas, e outras tortas, sem forma alguma;

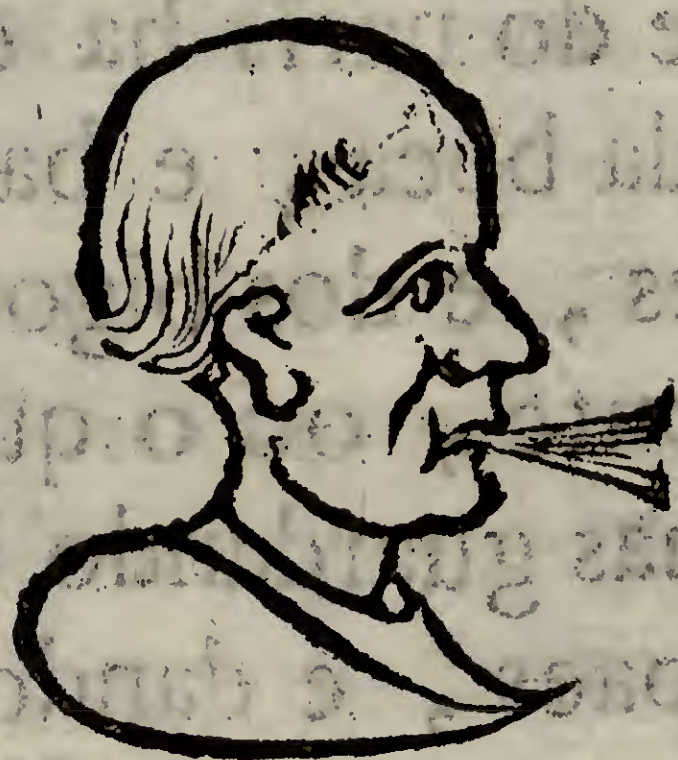


guma ; mas se vos puzeres ao ponto donde vierão os rayos do Sol , então vos apparecerão as cabeças , assim como estão debuxadas. Mas ha de supprir aqui a habilidade do Pintor perspectivo , que depois conforme a estes lineamentos , que apparecem fóra do ponto , ha de saber diffimular as linhas, e a testa ha de fazer que pareça hum rochedo , e do narís ha de fazer hum tronco , e da boca , e barba ha de fazer as raízes , e dos bigodes ha de fazer huma fonte , ou o que melhor lhe parecer ; mas guardando sempre as linhas principaes , e dando as côres em as partes , que vir que são necessarias para não desfazer o debuxo principal ; e póde fazer rios , terras , longes , e pertos , em o mais campo da taboa , que fiquem vendo-se , não da ilharga donde leve a figura , senão da vista fronteira ; e para isto não tem necessidade de usar de papel picado , senão pintar á vontade , para diffimular a figura principal. E note-se , que tambem os rayos da candêa podem servir, como



como fervem os do Sol. O mesmo Author, na sua nona parte, traz hum instrumento do modo de pôr as cousas em perspectiva, que tomou de Alberto Dureiro: quem o quizer saber, nestes dous Authores os póde ver.

### EXEMPLO DO SOBREDITO.



*Modo facil para copiar huma Cidade,  
ou outra qualquer cousa.*

Para com facilidade poderes copiar huma Cidade, fareis hum quadrado do tamanho, que quereis copiar a Cidade, e ponde-lhe huma rede estirada, de modo que fiquem as malhas todas direitas na sua proporção. Depois no papel, ou taboa, em que quereis



reis copiar, fazei a mesma rede de riscas com outras tantas malhas. Depois ponde-vos de paragem, donde descubrais a Cidade, e donde vos fique melhor, e ponde o olho em hum ponto, para que não percais a vista perfeita do perfil, e assim podeis facilmente copiar; porque a torre, que fica em huma malha da rede, buscai nas riscas a malha, que lhe responde, e alli ponde a torre; e na outra malha, aonde apparece a arvore, ponde-a tambem na outra, que lhe responde no papel, e assim, pouco, e pouco podeis copiar a Cidade, ou o que quizeres.

E se o que quereis copiar he cousa de pintura, tambem se póde copiar fazendo huma grade na pintura, que responda ás ditas malhas; e outra no papel, ou painel, em que quereis copiar, e assim podeis ir pelas malhas copiando, pouco, e pouco.

Daniel Barbaro na sua nona parte cap. 5. ensina outro modo de copiar Cidades, e tudo o mais que quizerem, e diz assim; Faizei hum buraco  
detraz



detraz de huma janella, da banda de dentro, na proporção, e distancia donde vos fica fronteira a Cidade, ou o que quereis ver, e o buraco seja tamanho como he o vidro de hum oculo. E tomai hum oculo de velho, que tenha algum tanto de corpo no meyo, e não seja concavo, como os oculos de moços, que tem a vista curta, e encaixai este vidro no buraco determinado, cerrai depois toda a janella, e as portas, da estancia, onde quereis fazer isto, de modo que não tenhais mais luz, que aquella, que vem do vidro.

Tomai depois huma folha de papel, e ponde-a descontra o vidro tanto apartado, que vejais miudamente na folha de papel tudo aquillo que está fóra de casa, o que se faz em huma determinada distancia, mais distinctamente: o que achareis encostando, ou apartando a folha de papel do vidro até que acheis o sitio conveniente. E assim vereis no papel as cousas, que quereis, na fórma em que ellas estão; mas importa fazer isto em dia claro, e com



e com o Sol muito formoso : e fazendo experiencia , vereis que vidro melhor representa , e o que representar ireis perfilando , estando firme o papel , que se não perca o perfil.

*Outro modo.*

Para copiar hum Cidade , ou o que quizeres em breve espaço , tomai hum espelho , ou hum vidro claro , crystallino , do tamanho que quizeres , e ponde-o em paragem donde possais nelle bem ver o que quereis copiar , e então na representação , que vos fizer , ireis com o pincel lançando as linhas principaes , e o perfil do que quereis copiar , e seja com alguma tinta de oleo. Depois que dentro no espelho , ou vidro tiveres escrito , e perfilado tudo , tomai outro tamanho papel limpo , e ponde-o sobre os perfiz , que estão já no espelho , ou vidro , para que o papel o receba em si. Depois de enxutos , no papel o podeis picar muito miudo , e depois esterzilo ás direitas ; porque no espelho fica ás avessas,



aveffas , e pelos perfiz certos podeis ir colorindo , do mefimo modo que as coufas vos apparecem , a muralha , a torre , as cascas , &c.

*Outro modo de copiar.*

Para fazer hum retrato do tamanho do vivo fe ha de guardar esta ordem , para que depois fe poffa fazer bem ao vivo , e Iconico. Tomai hum vidro do tamanho do rofto , que quereis retratar , e ponde-lho no rofto , que tome todo o perfil , que melhor vos parecer , perfilai , e o perfil ferá com tinta de oleo , affim como difsemos acima. Depois tomai huma folha de papel , e ponde-a fobre os perfiz , que já eftão no vidro , para que os receba , e depois o picai muito bem , e por elle affim picado podeis efterzir , e ficará ás direitas ; porque o perfil tambem foi ás direitas. Depois podeis ir colorindo , tendo diante a peffoa , que retratais ; porque como o perfil eftá ao certo , muito facil ferá , a quem fabe , depois imitar ao vivo.

*Para*



*Para fazer vernís.*

Para se fazer vernís, que usão os officiaes de gadamexins, se faz nesta fórma: Tomai a graxa que quizeres, e oleo de linhaça, igual parte, e ponde a ferver assim a graxa como o oleo, cada hum em seu pucaro, e para saber quando estão em fazão, a graxa se meneará com hum páo, e como não tiver graã, que desfazer, então está já em fazão: e o oleo para se saber quando está fervido, mettei-lhe huma penna dentro, e se estalar, já está cozido. Depois misturai huma coufa com a outra, assim em quente, e quando o quizeres usar, aqueantai-o ao Sol, ou ao fogo, e estendei muito bem, achareis que tem lustro bastante, e he secante: mas no branco se não dê, porque não faz obra boa: mas nas mais côres sim.

*Outro modo.*

Outro modo de fazer vernís he para madeira, e se faz assim: Tomai  
duas



duas partes de almecega, e trementi-  
na de beta huma parte, fezes de ouro  
as que quizeres, hum, ou dous den-  
tes de alho, e de oleo quatro partes,  
ferva-se o oleo, e logo na fervura se  
lança a almecega, e logo as outras cou-  
tas, e se quereis que seja cheiroso, bo-  
tai-lhe o cheiro que quizeres, e pon-  
de-o a curar ao Sol; e quando o qui-  
zeres usar, seja quente, e estendei bem.

*Para fazer betume de imbutir, que  
pareça marchetado.*

Para fazer betume para imbutir,  
se fará deste modo: Tomai Lacre pi-  
zado, e pez, ou refina, e fervido tu-  
do, mas não muito fervido, porque  
se faz levado, deitai-lhe a côr que qui-  
zeres moída muito bem, e depois bo-  
tai este betume, assim quente, nos de-  
buxos, que tiveres lavrados; e depois  
de secco lavrai com a garlopa, e fica-  
ra muito bem imbutido, que pareça  
marchetado.

*Para*



*Para fazer tinta preta para pergaminho.*

Para huma canada de vinho branco, e se for vinho branco verde, tanto melhor, lançai quatro onças de galhas partidas, e estejam de molho dez, ou doze dias, mexendo-as duas, ou tres vezes cada dia; e depois destes dias coai este vinho, e ponde-o ao lume até que queira começar a ferver, e então o tirai fóra do lume, e lhe lançai tres onças de caparroza, mexendo por espaço de quatro Credos, e isto feito estarão prestes tres onças de gomma liquida como termentina, que tereis já feita em agoa, e botando-a no vinho, a mexei outro tanto; depois deixai isto assim dous, ou tres dias, mexendo cada dia duas, ou tres vezes; depois coai esta tinta, e usai della, serve tambem para pergaminho.

*Outro modo.*

Para huma canada de tinta, tomaí cinco onças de galhas, e quatro de ca-

H

parroza,



parroza, e tres onças de gomma, e quatro quartilhos de vinho branco, o qual se repartirá pelos materiaes, que cada hum por si se fará em humas porcelanas, quebrando primeiro os materiaes; estejão assim quatro, ou cinco dias, mexendo-os cada dia; depois deste tempo, tomai as galhas, e fervão em duas, ou tres fervuras, e depois de coadas por hum panno, estando assim quente, lhe lançai a gomma, e caparroza, e esteja quatro dias assim, mexendo-se cada dia duas vezes; depois tornai a coar, e esteja dous dias até que se assente, e logo se póde usar.

*Outro modo para pergaminho.*

Para huma canada de tinta tomaraõ tres quartilhos de agoa doce, e hum quartilho de vinagre em hum pannela nova, e deitar-lhe-hão dentro quatro onças de galhas, e quatro onças de caparroza, e quatro de gomma Arabica, as galhas serão machucadas, e a caparroza será moída, e tudo isto junto estará de molho dez, ou doze dias,



dias, e cada dia o mexerão; e depois deste tempo, porão a panella ao fogo a ferver hum bom pedaço, e depois se ponha a esfriar, e coada por hum panho de linho, logo se pôde escrever com ella, e he a melhor para pergaminho.

*Outro modo.*

Tomaráõ seis onças de galhas de Flandes, e quatro de caparroza, e tres onças de gomma Arabica, e huma canada de agoa de cisterna, e porão esta agoa com as galhas machucadas ao Sol, mexendo-as com hum páo de figueira, e dahi a dous dias lhe botaráõ a caparroza, e acabados outros dous dias lhe botaráõ a gomma, e depois se porá ao fogo, que dê huma fervura; e depois coar-se-ha por hum panno de linho, e use-se.

*Outro modo, e mais commum.*

Tomaráõ para huma canada de tinta preta, huma canada de agoa de cisterna, ou de chuva, e quatro onças de galhas miudas, e crespas, e estarão de molho dez, ou doze dias, com as partirem pri-



meiro em tres, ou quatro partes, e mexêlas cada dia; e acabado este tempo lhe potaráo dentro na panella, que será vidrada, tres onças de caparroza moída, e estará assim com as galhas dous dias, depois destes dias tomai tres onças de gôma Arabica, bem pizada, ou liquida como mel, e estará assim outros dous dias, e acabado este tempo, porão a panella ao fogo, e ferverá duas fervuras; e depois a coaráo por hum panno, e logo se póde usar: e se quizerem que seja mais preta, botem-lhe menos agoa de cisterna, do que digo no principio.

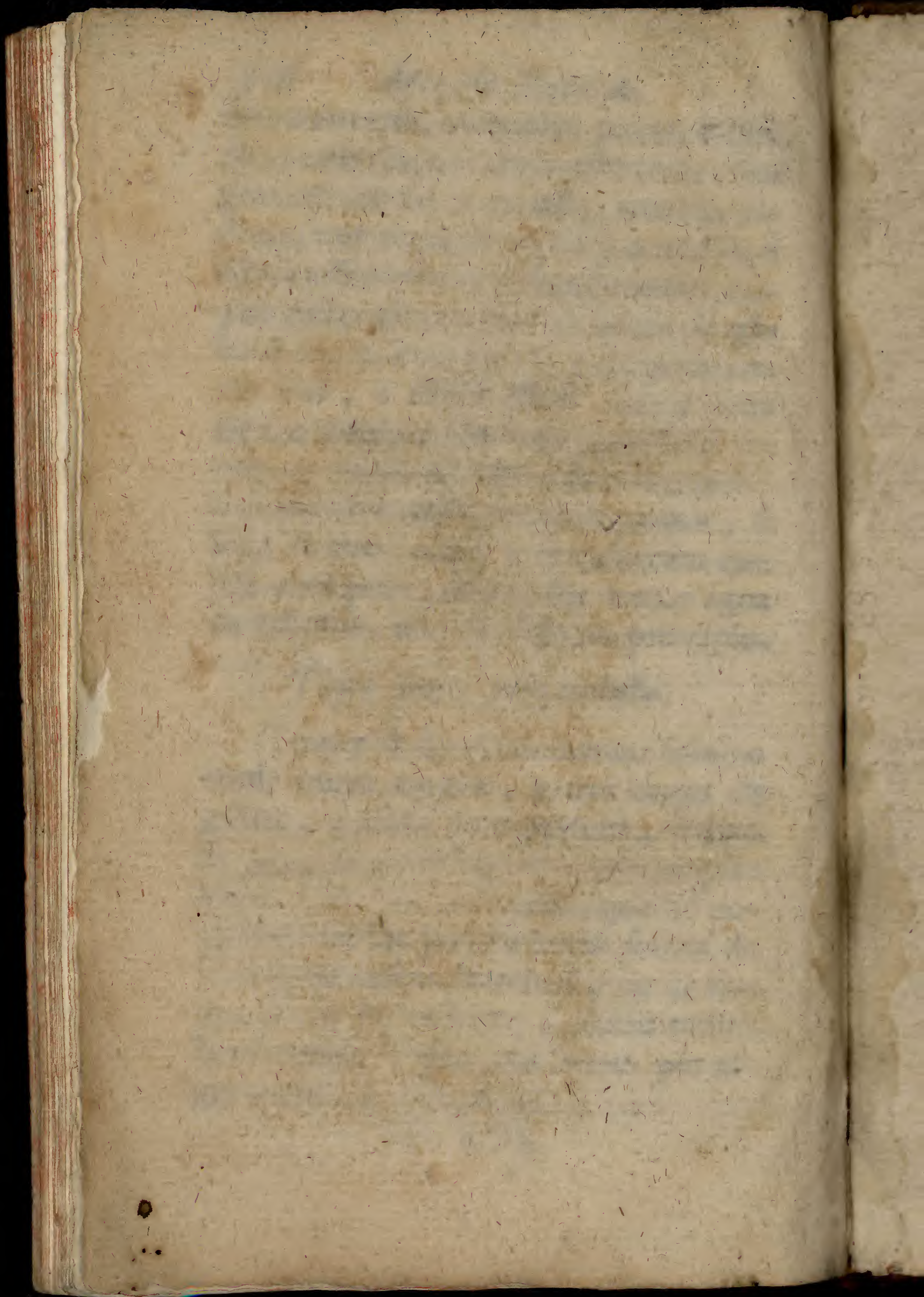
*Tinta para pergaminho.*

Tomaráo de vinho branco sobre o verde meya canada, e tres onças de galhas, e duas de caparroza, e duas de gomma, e farão como qualquer das outras tintas: advertindo, que no cozimento se lhe podem botar folhas de louro, ou cascas de romã, ou de noqueira, e pedra hume; depois muito bem tapada se porá ao sereno, por alguns dias, e usar-se-ha.



h  
e  
c  
s  
g  
e  
c  
t  
r  
i  
c  
a  
l  
i  
t  
y

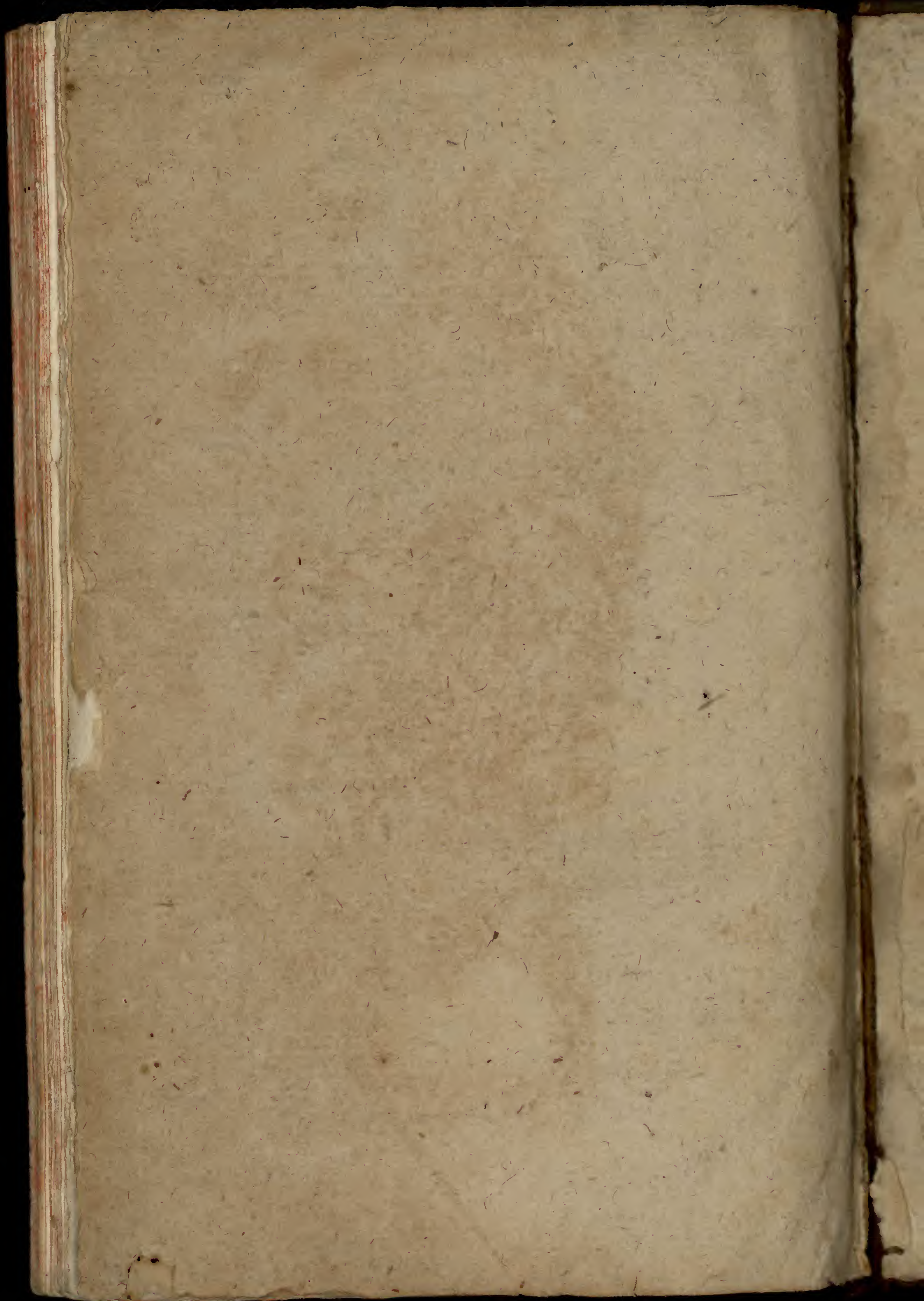




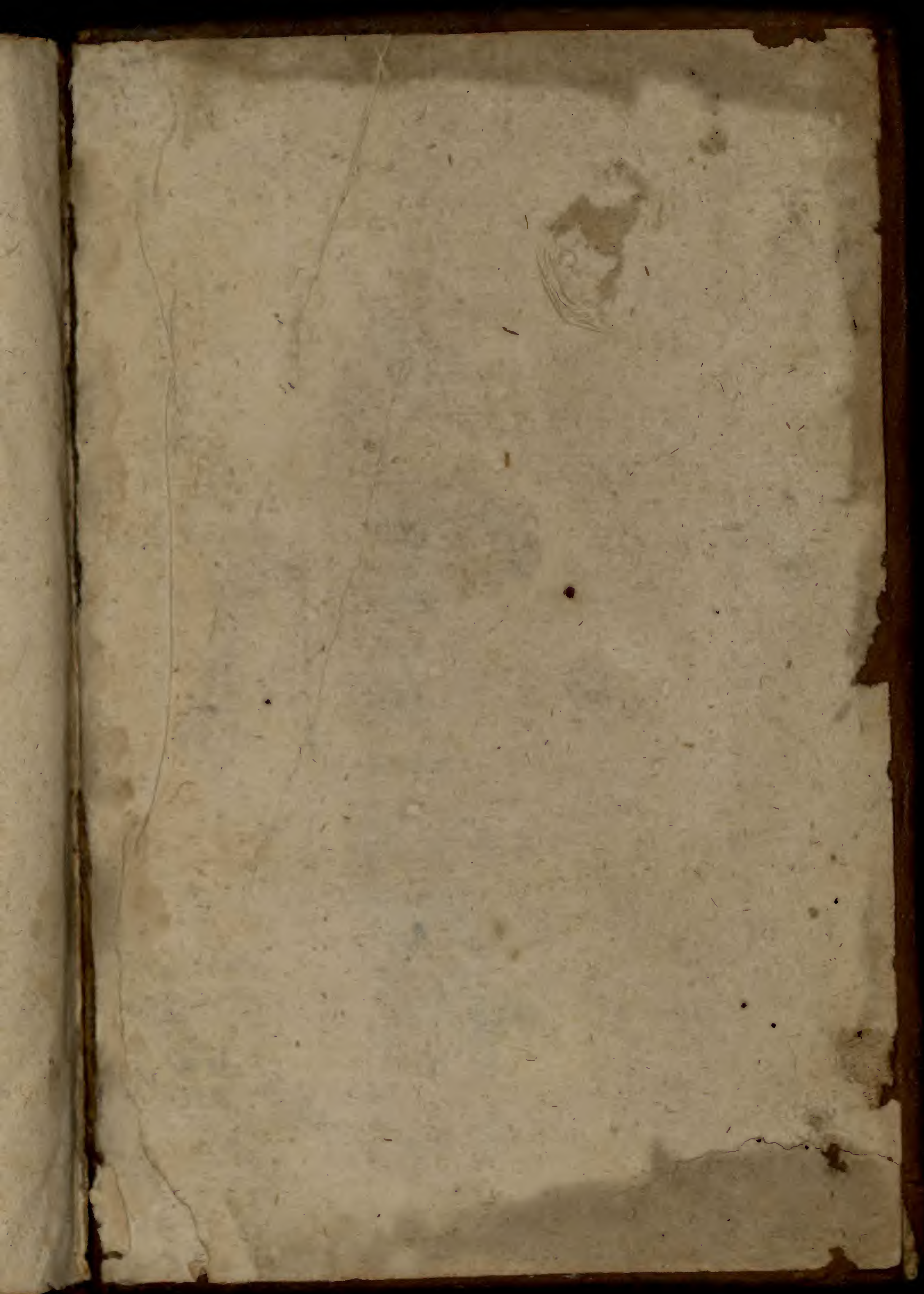














B.  
10  
E